



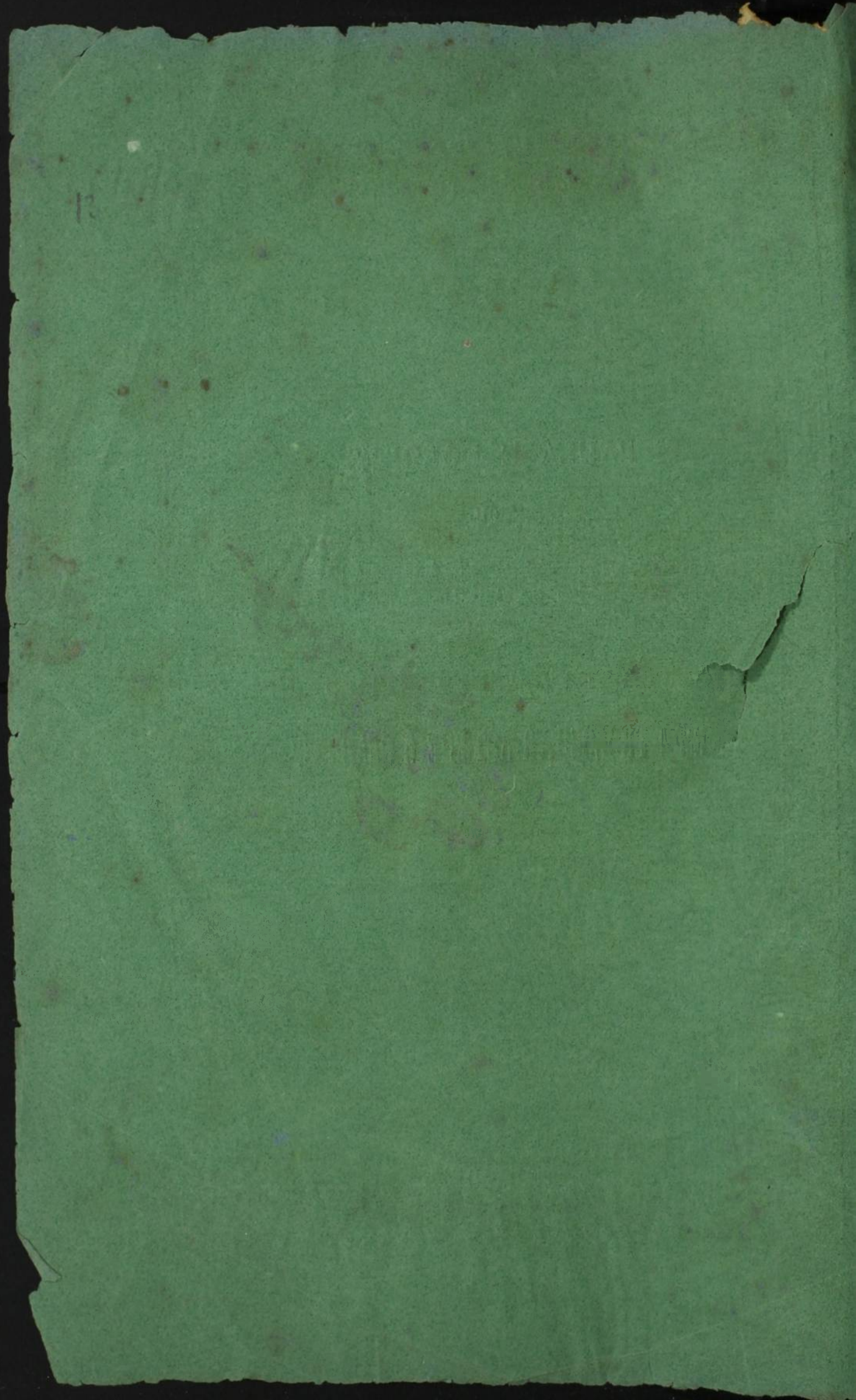
PAULA E DOLORES

OU

A VINGANÇA DE UMA MULHER.

DRAMA HISTORICO

EM 1 PROLOGO, 3 ACTOS E 6 QUADROS.



300.

PAULA E DOLORES

OU

A VINGANÇA DE UMA MULHER.

DRAMA HISTORICO

EM 1 PROLOGO, 3 ACTOS E 6 QUADROS

PELO

DR. JOSÉ HYGINO SODRÉ PEREIRA DA NOBREGA,

FIDALGO CAVALLEIRO DA CASA IMPERIAL, CAVALLEIRO DA
IMPERIAL ORDEM DO CRUZEIRO, COMMENDADOR DA
MUITO NOBRE E ANTIGA ORDEM DA TORRE ESPADA DE VALOR,
LEALDADE E MERITO, CONDECORADO COM A MEDALHA
DA GUERRA DA INDEPENDENCIA &c. &c. &c.



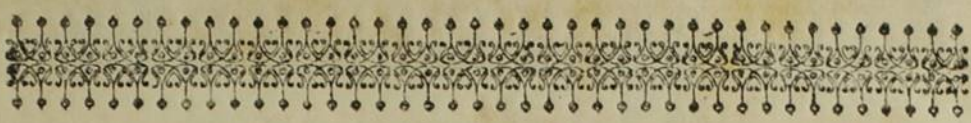
BAHIA:

TYP. E LIVRARIA DE EPIPHANIO PEDROZA

Rua dos Capitães n. 49.

1859.

**Este Drama é propriedade do
Autor, e não poderá ser levado à
scena sem licença do mesmo.**



AO PUBLICO.

Quando em 1854 estive pela ultima vez em Lisboa como já ponderei no meu Drama intitulado—
SOROR FRANCISCA DE LERMA, E FR. FRANCISCO XAVIER—
entre diversas copias de processos vindos do Tribunal da Inquisição de Sevilha, foi o de Paula de Arc, condeça de Cassallas, viuva do conde de Cassallas, levado as fogueiras da Inquisição como hereje, por sua virtuosa Esposa não ceder aos fins libidinosos a que Pedro Arbues grande Inquisidor de Sevilha se propunha; porém esta heroína que faz honra as respeitaveis Matronas do Seculo XVI soube vingar a morte afrontosa do Esposo querido.

O benevolo leitor , como indulgente , desculpará alguma contradição , ou mesmo erros que possa encontrar.

O AUTOR.

THE HISTORY OF

THE HISTORY OF THE
CITY OF LONDON
FROM THE FOUNDATION
TO THE PRESENT
TIME
BY
JOHN STOW
1618



PROLOGO.

PERSONAGENS.

FR. FRANCISCO XAVIER	Hermitão Franciscano.
PEDRO	Aguazil do Santo Officio.
MANOEL.	{ Chefe de uma quadrilha de Salteadores.
BARTHOLOMEU	
BRAZ.	{ Ciganos salteadores.
LUIZ.	
HENRIQUE	{ Familiares do Santo Officio.
FRANCISCO	
ROZA.	Taberneira.
CATHARINA	Cigana.

Ciganos , Ciganas, e Salteadores.

1554.

A scena representa uma tasca , ou taberna do seculo XVI ; do lado esquerdo do espectador uma porta com um ferro virado para dentro do Scenario , indicando ser o distico do nome da taberna , e do lado direito outra porta, no fundo uma meza comprida com um ou dous bancos que occupam todo o comprimento da meza , junto ao proscenio uma meza pequena com dous tamborettes , e mais proximo ao espectador um pequeno banco , sobre a pequena meza um candieiro de latão de dous bicos , e sobre a grande meza dous iguaes , e no centro do scenario um lampião dependurado. (*E' noite*).

SCENA I.

MANOEL, BRAZ, LUIZ, BARTHOLOMEU, CATHARINA, ROZA, CIGANOS, CIGANAS, E SALTEADORES. (*Roza assentada no pequeno banco, e os demais personagens em redor da grande meza a comerem e a beberem, e depois de alguma soenra muda*) FR. FRANCISCO XAVIER E HENRIQUE.

HENRIQUE.

E' preciso antes que tudo fallar a Roza. (*Dirige-se a Roza, e esta levanta-se*). Francisco, já veio Roza?

ROZA.

Ainda não, mas não pode tardar; mandei meu irmão Pedro prevenil-o que a Sra. Dolores sahiria de sua casa a meia noite; Francisco deve vir encontrar-vos aqui, assim como esse santo homem, que Deos honra de sua confiança. (*Lança um olhar curioso sobre Fr. Francisco Xavier.*)

HENRIQUE.

E' elle, é o confidente intimo do Muito Illustre e Reverendo Padre Pedro Arbues; encontrei-o na estrada da ponte de Triana, como me havia dito Sua Eminencia, e nos não esperamos senão Francisco para a execução do nosso projecto, isto é, se a Sra. Dolores mantem sua palavra.

ROZA.

Ella sahirá, eu mesmo lhe entreguei a carta do seu desposado, que Sua Eminencia mandou escrever por João Peres de Sáavedra como passatempo.

HENRIQUE.

E a menina consentio logo em ir ao lugar marcado?

7
ROZA.

Ella recusou em principio; mas a carta era tão urgente !
Tratava-se da vida do seu desposado , e ella prometteu o
que eu quiz.

HENRIQUE.

Ella irá esta noite ao lugar indicado.

ROZA.

Vós bem pensais , que eu não fui extranha a sua deter-
minação , e que a ajudei com todo o meu poder.

HENRIQUE.

Deos seja louvado; tu és uma verdadeira feiticeira, Roza!
(*Roza assusta-se , e horrorisada benze-se*) e por minha al-
ma ! Sua Eminencia não podia fazer melhor escolha de
que da tua pessoa para fazer o instrumento de sua muito
Santa e imutavel vontade. Tu bem comprehendes, Roza ,
que o nosso Santo Inquisidor não tem outro fim senão ar-
rancar ao demonio a alma dessa rapariga ; impediado o seu
casamento com D. Estevão de Vargas , que é, dizem, filho
de Morrano (1) e neto de Mourisco (2).

ROZA (*De novo benze-se.*)

Oh ! é verdade. Monsenhor é um Santo , nunca obra
senão no interesse do Ceo. Mas não digas que sou feiticeira,
uma tal palavra não deve sahir da boca de um fami-

(1) Morrano era uma frase com que os familiares do Santo
Officio apellidavam aos Mouros, que é o mesmo que dizer-so,
porcos.

(2) Mouro convertido em christão—os familiares da Inqui-
sição chamavam-nos Mourisco.

liar do Santo Officio ; pois , por paga do meu zelo em seguir a Santa Inquisição , esta palavra poderia mui bem mandar-me figurar no primeiro grande acto de fê , que terá lugar para celebrar as victorias do Rei D. Carlos V , nosso muito amado Amo e Senhor.

HENRIQUE.

Vamos, acalma-te, Roza, tu és uma boa catholica, e muito fiel serva da Santa Inquisição para temel-a. Não tardaremos a ter um grande acto de fé, será o primeiro desde que o nosso bem amado Senhor D. Carlos V subio ao throno, e eu te prometto o melhor lugar no grande balcão da praça maior, para ver assar todos esses caens hereticos.

ROZA (*Muito alegre e batendo palmas*).

E' isso verdade! Sr. Henrique! dizem que haverá mais de quinze hereticos queimados, e um grande numero aquem sua Eminencia perdoará , com tanto que elles abjurem e queiram morrer como bons Christãos, esses serão extrangu-lados antes de serem entregues ao fogo. Oh! como hade ser bonito! Sr. Henrique. E vós me fareis ver tudo isso, não è?

HENRIQUE.

Eu o juro em nome de Deos Padre, Filho, Espirito Santo e do nosso Patriarcha S. Domingos de Gusmão (3) e com licença do Muito Santo Inquizidor de Sevilha. Hade ser mag-nifico.

ROZA (*Muito alegre e pulando*).

Oh! como hade ser bonito, como hade ser bonito!

(3) Era esta a formula de um solemne juramento entre os familiares do Santo Officio.

HENRIQUE.

Dai-nos vinho, minha filha (*Rosa retira-se as carreiras, e volta logo trazendo um cangeirão com vinho, dous copos e poem tudo sobre a pequena meza, e durante o dialogo de Henrique e Rosa, Fr. Francisco fica de braços crusados, a pesar as palavras dos dous, e em tom austero de um verdadeiro Religioso, caracier, que sempre conserva*)

SCENA II.

OS MESMOS, E FRANCISCO (*Logo que Rosa poem o cangeirão do vinho, e os copos, Fr. Francisco, e Henrique assentam-se, e depois de uma pequena pausa em que durante a mesma bebem, entra Francisco*)

FRANCISCO (*Entra apressado e dirige-se a Henrique*)

E' este o nosso Santo Commissario?

HENRIQUE.

E' o mesmo, Sr. Francisco.

FRANCISCO (*Aproxima-se a Fr. Francisco Xavier, da-lhe uma pequena pancada (4) no hombro, Fr. Francisco Xavier levanta-se, encara para Francisco (5) este cruza os braços, fazendo o signal Pastoral (6) e Fr. Francisco Xa.*

(4) Assim como os Maçons uzam de certos signaes, toques e palavras que dão o nome de palavra Sagrada para serem conhecidos, os Familiares igualmente uzavam de certos signaes, toques e palavras que davam o nome de palavra sacramental para serem conhecidos, e a pequena pancada no hombro era um dos signaes para melhor poder reconhecer, se o individuo a quem se dirigia era ou não familiar.

(5) Era a resposta unica da pequena pancada sobre o hombro.

(6) Era um dos signaes dos familiares.

xier responde ao mesmo em sentido inverso, inclinam mutuamente as cabeças (7)).

Hito (8).

FR. FRANCISCO.

Coraza (9)

FRANCISCO.

Deos (10)

FR. FRANCISCO.

Deos tem todo poder sobre os homens. (11)

FRANCISCO.

Chitou (12) *(Tira do peito uma chapa de prata com um Crucifixo as avessas (13) gravado na mesma, e do lado opposto um sol, a este signal Fr. Francisco Xavier não responde, lança um olhar sombrio e de desconfiança sobre Henrique, este encolhe os hombros [14] e Francisco recua dous passos)* Não é dos nossos, digo-te eu, estamos trahidos, entendes? *(Para os Ciganos e Salteadores)* Irmãos, sereis vós tão mãos Catholicos para deffender um inimigo da Inquizição?

(Os Ciganos, Ciganas, e Salteadores levantam-se, cruzam os braços, e curvam as cabeças em signal de humildade ,

(7) Era este o cumprimento unico que os familiares faziam uns aos outros.

[8] Filhinho, uma das palavras sacramentaes.

(9) Coragem, era esta a resposta da palavra Sacramental.

(10) Queriam com esta palavra os Familiares do Santo Officio exprimir o nome de Inquizição, que igualmente fazia parte a palavra Sacramental.

(11) E' a resposta da segunda palavra Sacramental.

(12) Silencio, termo muito usual entre os familiares.

(13) E' o unico diploma que se dava aos Familiares.

[14] E' um dos signaes que igualmente os familiares usavam.

e Fr. Francisco Xavier com toda a calma, e na maior impassibilidade retira-se com passos vagarosos] Que o deixareis assim fugir? Não haverá quem vá chamar os esbirros da Inquisição? (Fr. Francisco pára na porta e vira-se para os circunstantes)

ROZA (Muito aterrada)

Eu! ein! (Vai dirigindo-se para a porta, e Fr. Francisco Xavier faz-lhe com a mão signal que páre, Roza fica convulsa, e cahe de joelhos e todas as personagens menos Henrique e Francisco ajoelham-se, e erguem as mãos implorando socorro, Fr. Francisco Xavier abençoa-os e retira-se)

FRANCISCO.

Estamos trahidos, imprudente!

HENRIQUE.

Elle nada sabe.

FRANCISCO.

A obra pois! não necessitamos para isso de um terceiro. (Paga a Roza o vinho e vai-se com Henrique, e as demais personagens levantam-se e vem todas ao proscenio e formam um tablô, ficando Manoel no centro.)

MANOEL.

Nobres e valentes Cavalleiros do punhal (15) fieis seductoras (16) Serenas (17) e outros Membros desta honrada

(15) Era este o titulo com que os membros da Sociedade da Garduna se apelidavam.

(16) Era o nome heroico pelo que eram conhecidas as ciganas que faziam parte da quadrilha dos salteadores da Garduna.

(17) Mulheres do Povo empregadas pela Policia para vella-

confraria, saude ! Que Deos Nosso Senhor vos conceda Sua Divina Protecção e vos livre dos corchetes (18) pen- cas (19) potros (20) ancias (21) e vomitos (22) muitas ve- zes mortaes para vós e sempre perigosas para vossos Irmãos. Eu vos reuni hoje para vos consultar sobre um facto que interessando nossos direitos pode comprometter a nossa so- ciedade. Passo agora ao objecto desta reunião. (*Faz signal a Bartholomeu para que se aproxime d'elle, e o mesmo obe- dece*). Irmãos ! Os Srs. Braz , e Luiz surprehenderam este rapaz no prestito da Cathedral eclipsando (23) primeiro um lenço do bolço de um fidalgo , e depois uma bolça bem recheada a um sacristão de um convento de Freiras. Na verdade elle empregou grande habilidade , porém isso não obsta , que elle não pertencendo a nossa honrada confraria violasse os estatutos da nossa ordem eclipsando sem au- thorisação , e demais atacando os bens da Igreja. Os Srs. Braz e Luiz considerando as boas disposições e talento pre- coz deste joven talento que, dizem elles, virá a ser a honra da Garduna com soccorro de Deos , e de nossas boas li- ções. Braz e Luiz preferiram trazel-o do que entregal-o ao fumo (24) que teria sem duvida suffocado tão felizes dispo-

rem a noite e apregoarem as horas e o tempo , o que ainda hoje é observado em toda a Hespanha e na America do Sul, com differença que hoje são homens empregados neste ranço de Policia administrativa.

(18) Mal-sim ou espião.

(19) E' uma especie de disciplina de que se serviam os car- rascos na Hespanha , para castigar aos infelizes que eram condemnados a açoites.

(20) Cavalete, ou barrote triangular em que se amarravam as victimas que não queriam confessar aquillo que os Inqui- sidores exigiam dos infelizes.

(21) As afflicções que precediam a estrangulação dos con- demnados a serem esartejados.

(22) Confissão.

(23) Roubando.

(24) Justiça.

sições. Porém como este rapaz violou os nossos estatutos, merece um sopro (25). (*Pequena pausa*). Que pensaes disto, meus Senhores (*olhando para todos*).

Todos (*Menos Braz e Luiz.*)

O Mestre tem razão, este rapaz merece um sopro.

BRAZ.

Canalha maldita, aqui é como no Rozario, esta turba sempre responde Amen.

LUIZ.

Uma boa unha,

MANOEL.

Qual é a vossa opinião, senhores? (*Pausa*). Senhores, a minha opinião, é que visto o genio precoce deste joven, e em attenção aos nossos muito honrados Irmãos, os Srs. Braz e Luiz que o protegem, é que o recebamos em nossa sociedade na qualidade de Irmão postulante (26), com a dispensa do anno do noviciado, e para melhor animal-o, lhe concedemos todos os privilegios á que tem direito todos aquelles dos nossos aprendizes que se distinguiram durante o anno da prova, com tanto que elle pague todos os direitos, que todos os outros Irmãos pagam a Confraria, e que dê a precisa esmolla a Deos. Em uma palavra, tomo-o debaixo da minha protecção. Agora, se algum de vós tem observação a fazer, pode fallar. (*Pauza*).

(25) Denunciado.

(26) Os membros da Garduna passavam por trez grãos que era o 1º chivatos, que significa aprendizes ou noviços, o 2º postulante, que é companheiro, e o 3º guapo, que é mestre, e não podia passar o 2º sem ter pelo menos um anno de chivate, assim como não passava para o 3º sem ter trez annos de postulante.

Canalha estúpida!

MANOEL.

Muito bem! Senhores, a vossa opinião concorda com a miuha, e eu vos agradeço. (*Tira do bolso um papel*). Meus Irmãos, eis-aqui a ordem do dia. (*Lendo*). « Trez baptis-
« mos (27) para applicar o mais ligeiramente possível; um,
« a um, bello rapaz de bigodes pretos, que passa todas as
« noites as sete horas pela ponte de Trianna. E' um fidal-
« go de alta estatura, e de bella apparencia traz manto
« escarlata. Este baptismo será pago com cincoenta rea-
« les (28), e mais quinhentos maravides (29) se for dado
« pela cará, assim de bem marcar o individuo. A pessoa que
« paga é uma bella dama e ainda joven. » Por essa razão,
Sr. Bartholomeu, eu me fio de vós, porque sei a vossa
galantaria para com o bello sexo, e espero que desempe-
nheis esta commissão. [*Entrega-lhe umas moedas de pra-
ta*]. Eis-aqui os trinta e sete reales, que vos pertencem,
sem contar os quinhentos maravides de gratificação, que a
dama dará, se alcançardes fazer na face do baptizado um
signal eterno, couza facil, e para o que vos bastará molhar
a chapa com um pouco de cebo deluido em vinagre. (*En-
trega-lhe um vidro com um licor negro*).

BARTHOLOMEU.

Vossas ordens serão cumpridas.

MANOEL (*Lendo*.)

«O segundo baptismo pago somente por quatro reales de-

(27) Ferir.

(28) Moeda hespanhola que vale 100 rs.

(29) Moeda hespanhola que vale 500 rs.

«ve ser administrado a Sua Paternidade, o Prior do Convento dos Frades da Misericórdia, elle roubou uma penitente a sua Beatitude o Padre Provincial. E' o Provincial quem pague, dará quatro dobrões de gratificação si se alcançar furar um olho ao Prior; porque a Penitente de que se trata o que mais lhe agrada são os bellos olhos.» Eu creio que para melhor assegurar os quatro dobrões devo encarregar este baptismo ao Sr. Braz, e a sua bem amada Catharina; cuja habilidade saberá atrahir para um logar propicio o Reverendo Prior. Eis aqui os trinta reales e não vos esqueças da Santa Virgem. Os quatro dobrões pertencem a Catharina.

CATHARINA.

Sim! Sim! Eu me encarrego disso, Sr. Manoel.

MANOEL (*Torcendo os bigodes.*)

—Silencio, minha roza dos bosques. Reconhecemos muito bem a tua habilidade e submissão. E' uma verdadeira perola que ahi tens, meu filho, conserva-a e não lhe dês muita pancada.

BRAZ.

Sim, verdadeiro thezouro que conservo para os outros.

MANOEL.

Vamos, vamos, tenha mais apego ao interesse commum, Sr. Braz.

CATHARINA (*Aproxima-se a Braz e traça-lhe o braço sobre o hombro.*)

Vamos, meu querido Braz, estás zangado, não é assim? Não sabes tu a tanto tempo que so a ti amo e a mais ninguém!

BRAZ.

Sim, tu me amas, não é assim? Mas esse Prior!!

CATHARINA.

Então esse Prior! Esse Prior, eu to trarei, e nada mais. Com elle prometto e não cumpro. Tu bem sabes que só a ti pertença.

MANOEL (*Lendo*)

«O terceiro baptismo, pagamento seis dobrões, é um Conego que paga, a somma bem vol-o indica. Este baptismo «deve ser dado amanha a um Collega de Sua Reverencia, «antes das seis horas da tarde, afim de que o baptisado não «possa fazer aos membros do Capitulo as vizitas de obriga- «ção, e solicitar votos para a elleição do Deão; o que dá «mais esperanças ao seu rival. Se no fim de alguns dias este «baptismo se transformar em enterro o Conego dobrará a «somma.» Bem entendido, que è preciso obrar com habili- dade, não obscurecer (30) o vosso homem de uma vez.

Tal é o desejo de sua Reverencia, e quem paga bem, tem direito de ser bem servido, e Sua Reverencia prometteu-ma formalmente. Este baptismo pertence-vos, Sr. Luiz. Deveis servir-vos de um punhal fino de folha triangular, ou antes um punção, isso no caso de não possuiredes uma boa agulha de corrieiro: è o melhor instrumento para fazer uma ferida que não sangre. Eis aqui o vosso dinheiro. (*Lendo*) «Finalmente um «escurecimento (31) sobre a pessoa de D. Estevão de Vargas. «Elle sahe todas as noutes da casa de sua Senhoria o Sr. Go- «vernador de Sevilha a meia noute.» Dizem que elle é o des- pozado de sua filha, bella rapariga de dezessete annos, este

(30) Matar.

(31) Matar.

escurecimento vai sem duvida custar bastantes lagrimas; mas isso não nos compete remediar. Esta opperação ser-nos-ha paga com cincoenta dobrões adiantados, e uma somma igual depois do resultado, além disso a protecção do Muito Santo Inquizidor de Sevilha, a quem o negocio interessa, sem duvida, pois mandou-nos offerecer a sua protecção, moeda que elle não prodigaliza.

BRAZ.

E quem nos garante essas bellas promessas?

MANOEL.

A pessoa que m'as fez e assignou, conheço-o perfeitamente; e se faltassem a ellas seriam por mim remettidas a grande chaminé (32) de Sevilha. Bem vedes, meu filho, que tomei todas as cautellas.

BARTHOLOMEU.

Mestre! Mestre, ali vem um corcheto que tomou o caminho da casa.

MANOEL.

De joelhos! filhos. [*Todos ajoelham-se e fazem que rezam.*]

LUIZ.

E' Pedro nosso fiel Irmão.

SCENA III.

OS MESMOS E PEDRO (*Logo que Pedro entra todos levantam-se e bemzem-se.*)

MANOEL.

O que te traz cá, Irmão Pedro? Suspeitas acaso algum perigo para a nossa Santa Confraria?

(32) Fogueiras da Inquisição.

PEDRO

Não é precisamente isso. Também sabes que sou boa guarda e que minha dupla missão de aguazil e de Familiar do Santo Officio, habilita-me para vos salvar de bastantes ciladas.

MANOEL.

E' verdade, tu és um amigo, um Irmão dedicado.

PEDRO.

Muito bem! E' agora a vossa vez em que deveis prestar-me um serviço Mestre.

MANOEL.

Falla, Irmão; de que se trata?

PEDRO.

Em primeiro logar de entregar a um dos meus parentes Sachristão das Carmelitas. uma bolsa que lhe foi roubada hoje demanhã.

MANOEL.

Ser-te-ha entregue a bolsa, Irmão, estamos promptos a satisfazer-te nesse ponto. Depois?

PEDRO.

Depois temos couza mais seria; (*A meia voz*) não se trata nada menos do que obscurecer em sendo precizo, trez ou quatro familiares da Inquizição.

MANOEL (*Assustado.*)

Irmão, abuzaes da vossa pozição, pedis couzas impossiveis.

PEDRO.

Impossiveis ou não; é precizo que ellas se façam.

MANOEL.

Meu Irmão, ignoraes acaso, que o Santo Inquizidor de Sevilha é o nosso melhor freguez?

PEDRO.

Não importa, é preciso servir-me, ou desde esta noute, não sou mais dos vossos.

MANOEL.

Pois bem, o que é preciso fazer?

PEDRO.

E' preciso dar-me agora mesmo dous ou trez guapos experimentados, e uma meia duzia de chivatos para leval-os para onde me convier, para mandal-os obscurecer quem eu quizer; em fim que obedeçam as minhas ordens como as vossas.

MANOEL.

Tu és muito exigente, Pedro.

PEDRO.

O Apostolo das Indias assim o quer. Apressa-te, Manoel, apressa-te, porque não tenho tempo a perder.

MANOEL.

Já que o Apostolo das Indias o quer, é preciso obedecer. Sua vontade deve ser como a de Deos; não resuscitou Braz, e livrou Luiz da guela do Lobo?... (33) Não é elle que trata dos nossos doentes?.. Seja pois como tu queres, Pedro: toma os meus dous melhores guapos, e que elles te obedeçam como a mim mesmo (*Acena para Braz e Luiz para que a-*

(33) Cadeia.

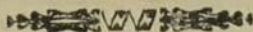
•ompanhem Pedro e a mais seis salteadores , os quaes que-
rendo retirar-se chama Braz e falla-lhe a meia voz). Eu
me esquecia de dizer-te que te encarrego de obscurecer o
joven D. Estevão de Vargas; esta operação far-te-ha ganhar
a proteecção do Grande Inquisidor de Sevilha , em caso de
mão successo daquella de que te vai encarregar nosso Ir-
mão Pedro. Adeos, Senhores, coragem. [*Da-lhe uma bolsa
com dinheiro.*] Parti, e que a Santa Virgem vos guarde. .

FIM DO PROLOGO.

DENOMINAÇÃO DOS QUADROS.

- I. QUADRO. O Rapto.
- II. QUADRO. A Orgia.
- III. QUADRO. Os Remorsos.
- IV. QUADRO. O Julgamento.
- V. QUADRO. A Seducção.
- VI. QUADRO. A Vingança.

A scena passa-se em Sevilha nos annos de 1534 a 1537, sendo o Prologo na Taberna de Roza a margem do Rio Gualdaquivir; o I. Quadro no Palacio do Governador de Sevilha, o II no Palacio do Grande Inquizidor, o III no Jardim do Palacio do Grande Inquizidor, e os de mais em diversos lugares do Convento dos Dominicanos.



UNIVERSIDADE DE LISBOA

- I. Quatro O. Ribeiro
- II. Quatro A. Garcia
- III. Quatro Os Remanes
- IV. Quatro O. Figueiredo
- V. Quatro A. Redondo
- VI. Quatro A. Viegas

A regem passa-se em Sevilha nos annos de 1587 a 1588, sendo o Prologador Fabian de Leon e mais com do Rio Guadalquivir; o II. Quatro no Palacio do Governador de Sevilha, o III. no Palacio do Grande de Portugal, o III. no Palacio do Principe de Condado de Portugal, e os de mais em diversos lugares do Con-
 vito dos Hermanos.

PERSONAGENS DO DRAMA.

- D. RODRIGO Arcebispo de Toledo, e Presidente
do Supremo Conselho dos Car-
deaes.
- PEDRO ARBUES Dominicano e Grande Inquizidor
de Sevilha.
- FR. ANSELMO {
FR. AMBROZIO. } Dominicanos e Inquizidores.
- MANOEL ARGOZO Conde de Cevallos e Governador
de Sevilha
- FR. FRANCISCO XAVIER. Ermitão Franciscano.
- D. FELIPPE. : Fidalgo Hespanhol , Familiar do
Santo Officio, e Secretario do
Grande Inquizidor , e Escrivão
do Tribunal da Inquizição.
- D. ESTEVÃO DE VARGAS . { Conde de Vargas.
- HENRIQUE }
PEDRO } Familiares do Santo Officio.
FRANCISCO }
- MANOEL , Chefe de uma quadrilha de Sal-
teadores.
- LUIZ {
BRAZ } Ciganos e Salteadores.
- PAULA, COM O SUPOSTO NO- }
ME DE FR. JOSÈ DO Co- } Viuva de D. Fernando de Casal-
RAÇÃO DE JESUS. } las , Dominicano , Inquisidor ,
} Commissario da Ordem Domi-
} nicana, e Confidente de Pedro
} Arbues.
- DOLORES Filha de Manoel Argoso.
- CATHARINA. Cigana mulher de Braz.
- ROZA : Cigana, taberneira, e Irmã de Pe-
dro.
- Frades Dominicanos, Ciganos, Ciganas, Salteadores, e Fa-
miliares do Santo Officio.

El Presidente de la República, don Manuel Montt, en virtud de lo acordado por el Congreso Nacional, en sesión de 15 de Agosto de 1833, y en conformidad de lo dispuesto en el artículo 1.º de la Ley de 1.º de Mayo de 1833, publica el siguiente Decreto:

Que el Poder Judicial de la Federación, en virtud de lo dispuesto en el artículo 1.º de la Ley de 1.º de Mayo de 1833, se compone de un Tribunal Supremo de Justicia, y de los Tribunales de Justicia de los Departamentos y Territorios, y de los Jueces de Paz de los Municipios.

Que el Poder Ejecutivo, en virtud de lo dispuesto en el artículo 1.º de la Ley de 1.º de Mayo de 1833, se compone de un Presidente de la República, y de los Ministros de Estado, y de los Secretarios de los Departamentos.

Que el Poder Legislativo, en virtud de lo dispuesto en el artículo 1.º de la Ley de 1.º de Mayo de 1833, se compone de un Congreso Nacional, y de los Diputados y Senadores de los Departamentos y Territorios.

Que el Poder Judicial de la Federación, en virtud de lo dispuesto en el artículo 1.º de la Ley de 1.º de Mayo de 1833, se compone de un Tribunal Supremo de Justicia, y de los Tribunales de Justicia de los Departamentos y Territorios, y de los Jueces de Paz de los Municipios.

Que el Poder Ejecutivo, en virtud de lo dispuesto en el artículo 1.º de la Ley de 1.º de Mayo de 1833, se compone de un Presidente de la República, y de los Ministros de Estado, y de los Secretarios de los Departamentos.



ACTO 1.

QUADRO I.

Personagens do quadro

DOLORES

PEDRO ARBUES

ROZA

HENRIQUE

FRANCISCO

BRAZ

CATHARINA

PEDRO

FR. FRANCISCO XAVIER

D. ESTEVÃO DE VARGAS

LUIZ

QUATRO FAMILIARES DO SANTO OFFICIO

SEIS SALTEADORES.

1554.

A scena representa um quarto de dormir; do lado direito do espectador uma porta que dá entrada para o interior da casa, e do lado esquerdo do espectador uma janella que dá para o jardim, no fundo da scena uma cama de solteiro ricamente armada, proximo a porta uma meza com um oratorio, e do lado da janella um guarda roupa e um lavatorio com os competentes aparelhos e mais algumas cadeiras arrumadas em scena.

SCENA I.

DOLORES SÓ (*Depois de alguma scena muda, em que durante a mesma tira os adornos, e o vestido, poem este sobre uma caldeira, e aquelles no guarda roupa, dezata a trança e prepara-se para deitar-se: aproxima-se ao oratorio, ajoelha-se e poem as mãos em posição de quem reza, levanta-se e benze-se, tira do seio um papel, aproxima-se a vella, e olha para o papel*).

Não ha duvida é a sua lettra. Pobre Estevão! eu não me tinha enganado! a Inquizição aborrece-o e elle teme comprometter-me vindo a minha casa. Essa viagem que elle disse-me ser indispensavel, não é mais que um pretexto para se apartar daqui durante alguns dias; e no entanto elle não pode viver sem ver-me, e conjurar-me de vir esta noute fallar-me debaixo desta janella, e elle morrerá se eu recuzar lhe.... Oh! sim elle morreria sem mim, e eu igualmente morreria sem elle (*Limpa as lagrimas*) nosso amor não é daquelles que a auzencia pode extinguir.

O' meu Deos! em que desgraçado tempo vivemos nós em que é preciso suffocar os mais doces sentimentos da natureza! Leis Divinas de Christo, que é feito de vós? Seculo dos Apostolos, em que dous Espozos Christãos amavam-se livremente ante Deos, viviam um para o outro, morriam juntos, fostes, pois tu, que creastes este seculo de ferro, em que nem mesmo Deos se pode amar a sua vontade? Em que os Sacerdotes não são mais nossos consoladores, mas sim nossos verdugos?... Em que a arvore da vida tornou-se uma arvore de morte, que estende seus funebres ramos sobre todo o Universo? O' Estevão! para que terra amiga seguirei contigo, onde esta lepra não tenha ainda penetrado? (*Torce as mãos, e de novo dirige-se para o oratorio, e ajoelha-se defronte do mesmo.*) O' tu! que tanto soffrestes, meu Deos, ensina-me a soffrer!

(Abre o oratorio e delle tira um pequeno crucifixo , e o a-
pertu em seu seio; a este tempo abre-se a porta , e entra
Pedro Arbues, e Dolores assusta-se).

SCENA II.

A MESMA , E PEDRO ARBUES.

DOLORES.

Ai! (Cahe-lhe a trança e ficam os cabellos soltos pelas
costas).

PEDRO ARBUES.

Perturbo acaso, vossas orações, minha filha?

DOLORES (*Tremula*).

Monsenhor, porque entrastes [durante a noite no meu
quarto? Não deve o quarto de uma donzella ser sagrado!

PEDRO ARBUES.

O Grande Inquisidor tem todo o poder de dispensa, e
vós não commetteis peccado algum, recebendo-me em vos-
so quarto.

DOLORES (*Com altivez, e indignação.*)

Monsenhor, eu não comprehendendo todas essas miseraveis
argucias, que limitam assim a ventade daquelles que as
empregam nas immutaveis leis da consciencia, que tornam
licitos a uns, o que é um crime para os outros; e a vir-
tude é unica, suas leis devem ser invariaveis e eternas.
Vós sois homem Senhor, e um homem não pode entrar de
noite no quarto de uma mulher sem ser seu marido.

PEDRO ARBUES.

Dolores, esquecei-vos que Christo disse aos seus Aposto-
los: o que vós desligardes sobre a terra será desligado do

Ceo. Que elle nos deu todo o poder sobre as almas , como sobre os corpos.

• DOLORES.

O' Senhor! Não desfigureis assim as palavras do Evangelho; o texto é tão claro e tão puro, que não estando de má vontade, não ha senão uma maneira de interpetral-o, que é a mesma para todos , Mensenhor , para vós, Ministro de Deos vivo, como nós, vossas humildes discipulas.

PEDRO ARBUES.

A letra mata e o espirito vivifica , e és bem imprudente Dolores , em ousar fallar assim diante de mim. Os livros Santos são um Codigo Sagrado , uma carta Divina , cuja interpetração compete unicamente a nós, e a vós, a passiva observancia. Ai! daquelles , que interpetrando-os sem nossos soccorros , querem procurar á luz fora de nós ! Ai ! desses insensatos , que marchando sem apoio dos representantes de Jesus Christo, cahem no erro, na herezia.

DOLORES.

Não ha herezia em seguir o Evangelho.

PEDRO ARBUES.

Se tivesses fallado assim diante de qualquer outro, que não fosse o Grande Inquisidor de Sevilha , o dia de amanhã não te acharia em casa de teu pai, e a Inquisição !...

DOLORES (*Com muita resolução*).

Eu nada disse contra a Inquisição.

PEDRO ARBUES (*Com muita ternura*).

Dolores , não sabes que sou teu amigo ?

DOLORES.

O' Monsenhor ! então retirai-vos , não abuzeis da vossa authoridade , para assim violar minha morada. Sahi, Monsenhor, sahi , eu vol-o peço de joelhos. (*Ajoelha-se*).

PEDRO ARBUES.

O' Menina ! Menina , quanto és bella , e quanto Estevão é feliz !

DOLORES (*Levanta-se toda tremula e convulsa*).

Monsenhor ! Monsenhor, sonho acaso ?! Não sois vós o Grande Inquisidor de Sevilha , o Ministro do Senhor , e o Guardião da virtude alheia?

PEDRO ARBUES.

Não , não ha aqui Grande Inquisidor , não ha Padre , ha sim Pedro Arbues, que te ama , Pedro Arbues que morre de desespero e de amor. (*Procura abraçar Dolores e esta recua até encostar-se a janella*).

DOLORES (*Logo que fica encostada a janella e vê que não pode livrar-se de Pedro Arbues , apresenta-lhe o pequeno crucifixo que sempre conservou em suas mãos*).

Pedro Arbues , transpoem esta barreira se ouzas ! Padre de Christo, ousarás zombar de teu Senhor?

PEDRO ARBUES (*Recua horrorisado e lança um olhar terrivel em Dolores*).

Mulher orgulhosa , espero ver-te amanhã mais mansa que um cordeiro, nos carcereiros da Inquisição. (*Retira-se no maior desespero*.)

DOLORES (*Abraçando o pequeno crucifixo*).

O' tu que me salvaste, obrigada!

UMA VOZ DENTRO DO SCENARIO.

Meia noite , luar claro , o Ceo estrelado , cahe neve com abundancia , e o vento Norte sopra com força.

SCENA III.

DOLORES , E ROZA.

DOLORES (*Aproxima-se a janella , e debruça-se sobre ella.*)

Estevão! Estevão! (*Roza entra apressada, e precipita-se aos pés de Dolores e esta assusta-se*). Quem sois que me quereis ?

ROZA.

Fugil... fugil... fugi, Senhora , sois trahida , eu vos enganei.

DOLORES.

Mas onde está D. Estevão de Vargas?

ROZA.

Eu não sei, eu o não conheço.... (*Fora do scenario collocase uma escada na janella*).

DOLORES.

Vós o não conheceis!... no entretanto vós me dissestes que elle vinha fallar-me debaixo desta janella esta noite?

ROZA!

Eu enganei-vos ; disseram-me—anda , e foi preciso andar... Porque não sou mais do que um miseravel instrumento.... Devo obedecer para não ser anniquilada.... Oh ! mas quando vos vi tão nobre, e tão bella, jurei salvar-vos, embora eu morresse. Fugi pois, Senhora , eu vos conjuro...

daqui a pouco já não será tempo... elles chegarão... (*Ouve-se dentro do scenario um agudo trinado de assovio, em seguida grandes tropeis, e apparece na janella da parte de fora Pedro, mascarado*). Ouvis? Elles chegam! Elles chegam! (*Levanta-se, pega no braço de Dolores, e forceja para levá-la, e ella fora de si resiste automaticamente*)

DOLORES.

Eu te amaldiço, tu que me enganaste. (*Entram precipitadamente pela porta Henrique, Francisco, e quatro familiares da Inquisição, e ao mesmo tempo Pedro, Luiz, Braz, Catharina, e seis salteadores saltam em borbuto da janella, e todas estas personagens devem vir mascaradas.*) Ah!

HENRIQUE.

Eil-a! (*Os quatro familiares agarram em Dolores que desmaia*).

FRANCISCO.

Está bom! cala-te e aviemó-nos.

HENRIQUE.

Oh! agora está em nosso poder. (*Pedro desembainha o punhal, e o mesmo praticam os de sua comitiva*).

BRAZ (*Investe com a maior rapidez para Henrique, e fere-o no braço*).

Ainda não!

HENRIQUE.

A mim? (*Os familiares abandonam Dolores e fogem, e Francisco investe para Braz e lutam a braços, assim como Luiz com Henrique, os seis salteadores: trez perseguem os fugitivos e os outros impedem a porta, Roza procura soco-*

correr Dolores, e Francisco luctando com Braz vão re-euando, e entre os bastidores Catharina crava uma punhalada em Francisco e este cahe morto).

SCENA IV.

DOLORES, ROZA, CATHARINA, PEDRO, BRAZ, LUIZ, FR.
FRANCISCO XAVIER, D. ESTEVÃO DE VARGAS, E
SEIS SALTEADORES.

DOLORES (*Tornando a si*).

Que! eis-ahi os representantes do Salvador! os depositarios da sua lei! Oh! Jesus Christo que outr'ora expulsou os vendedores do templo não poderá agora expulsar os padres Inquisidores? As chaminas das fogueiras que elles acendem para devorar os outros, não os devora tambem: Jesus Christo que não soube senão amar e abençoar, porque soffre os crimes destes verdugos?

FR. FRANCISCO.

Para purificar os bons!

DOLORES (*Ajoelha-se aos pés de Fr. Francisco Xavier.*)

Oh! meu Padre! meu Padre; sustentai-me, porque vacillo, minha alma horrorisada não acredita senão no mal. Não se assenhoreou o demonio do mundo para elle expulsar o verdadeiro Deos?

FR. FRANCISCO (*Extendendo a mão sobre a cabeça de Dolores.*)

Menina! Desde quando é que a fraqueza venceu a força? Não é o mal fraco, e o bem forte?

DOLORES (*Levanta-se*).

Não, o mal é que é forte; porque são os máos que oppri-

mem, e os bons que continuamente soffrem.

FR. FRANCISCO.

Jesus Christo tambem soffreu, e Elle era forte; porque era Deos! Não és Christã para assim renegares Jesus Christo?

DOLORES.

O' meu padre! perdoai-me, eu não tenho a força dos martyres, e a felicidade parece-me um direito do homem.

FR. FRANCISCO (*Apontando para o coração*).

A felicidade está aqui.

DOLORES.

Não, nem mesmo esse asylo é inviolavel para os Inquisidores.

FR. FRANCISCO.

Podem elles por acaso comprimir-lhe as pulsações ou accellerarem os movimentos? Banir delles uma imagem querida, ou expulsar a fé de teus Pais? Não sentes dentro de ti essa força sobre-humana da alma que te diz:—Marcha, e nada temas, ama e crê?—Podem destruir o corpo; porém o que em nós é amor, é immortal, o sopro eterno não morre!

DOLGRES (*Beijando a mão de Fr. Francisco Xavier.*)

Oh! obrigada, vós me consolaeis, vós que vos pareceis com Dees. Oh! vós sois humilde e forte, e vós credes; eu devo tambem crer, fraca mulher perseguida.

FR. FRANCISCO.

Sim, tu deves crer, minha filha, crer e soffrer sem mur-

murar; porque és uma alma nobre. Arma-te pois, de força e constancia, menina, e se Deos te enviar novas provas, diz-lhe como essa grande victima que morreu pela sua doutrina. Que se cumpra a vossa ventade e não a minha.

DOLORES.

Oh ! quem sois vós ? quem sois vós, meu padre, que dais esperanças e energia ao coração? Dizei-me o vosso nome para que possa repetil-o nas minhas orações.

FR. FRANCISCO.

Sou um humilde servo de Deos, chamo-me Francisco Xavier, quando te sentires fraca, invoca o nome de Jesus Christo, e não o meu; porque só Elle é que dá força e consolação. Mas vai ficando tarde. Vem, eu serei teu guia, e se algum dia soffreres, se tiveres necessidade de apoio, lembra-te da humilde morada do Irmão Francisco Xavier, que está sempre aberta para os que soffrem.

DOLORES (*Delirante*).

Eu vos sigo, meu padre... O' meu Pai! o que é feito de meu Pai?!.... Meu Pai! Meu Pai!... Meu Pai! meu Pai!... O que é feito de meu Pai?.....

FR. FRANCISCO (*Para D. Estevão de Vargas*).

Não tenho coragem de dizer-lhe, teu Pai jaz nos calabouços da Inquisição!....

D. ESTEVÃO DE VARGAS.

E o que faremos della, meu Padre?

FR. FRANCISCO.

Deixai-a ao meo cuidado que vou leval-a ao Convento das Carmelitas, em quanto se trata dos vossos desponsaes.

DOLORES.

Meu Padre , pedi a Deos , que tenha piedade de mim.
(Recupera os sentidos encara para D. Estevão de Vargas, e reconhece-o, corre para elle e abraça-o) Ai! Estevão!

D. ESTEVÃO DE VARGAS *(Abraçando Dolores)*.

Dolores!

BRAZ *(Desembainha o punhal e quer investir para D. Estevão de Vargas, e Catharina impede)*.

Não posso!, repito não posso Catharina, prometti mata-lo, é preciso que morra!

CATHARINA.

O' meu Padre, impedi que Braz mate este homem. Não temos já commettido tantos crimes?

FR. FRANCISCO.

Braz quem te deu a missão de matar?

BRAZ.

A sociedade da Garduna , a qual pertenco corpo e alma, é o meu officio baptisar , e obscurecer assim como o vosso, de dizer missas, pregar, e confessar. Deixai-me cumprir o meu trato para não eclysar o dinheiro que recebi para isso.

FR. FRANCISCO.

Braz, crês em Jesus Christo ?

BRAZ.

Sem duvida , meu Reverendo ; sou bom catholico, é por isso que quero exercer o meu officio com consciencia. A justiça antes de tudo ; prometti matar , é preciso que mate.

FR. FRANCISCO.

Aquelle que fere com ferro, pelo ferro perecerá. Braz, na verdade eu t'ó repito, o officio que exerces é um officio de sangue, e Jesus Christo tem horror de sangue, meu filho!

BRAZ.

E se eu renuncio o meu officio, meu Padre, a Inquizição que não quererei mais servir far-me-ha queimar cemo here-tico, ou me forçará a sair de Hespanha como acontece com esses pobres Mouros, que sabem de Sevilha aos milhões. Então o que será desta Mulher que é minha: e o que farei para viver.

CATHARINA.

Que importa é melhor morrer do que viver assim.

BRAZ.

Mas a minha confraria, acaso posso abandonal-a?

FR. FRANCISCO.

Não, tu não deixarás a Garduna, mas como uma boa acção compra muitos crimes tu não te empregarás de ora avante sinão em salvar as victimas da Inquizição.

BRAZ.

Mas enganarei.

FR. FRANCISCO.

A intenção faz tudo; não terás tenção de fazer bem? E não farás bem com effeito?

BRAZ.

E vós, meu Padre, absolver-me-heis de todas as minhas in-

fidelidades comettidas com a minha confraria? Com essa condição farei tudo o que vossa Reverencia quizer, porque vós se-reis o unico responsavel da salvação da minha alma, que não pode estar em milhores mãos do que as vossas.

FR. FRANCISCO.

Eu te abençoarei todas as vezes que salvares uma victima, e te absolvo de todos os crimes que não eometteres. Vai em paz, meu filho, e Deos te guie. *(Braz e Catharina traçam os braços um em cima do outro e ajoelham-se, e Fr. Francisco abençoa-os e retira-se acompanhado de Dolores, Rosa, Luiz, Pedro, D. Estevão de Vargas aos seis salteadores.)*

CATHARINA E BRAZ (*Levantando-se,*)

Elle despozou-nos.

FIM DO I QUADRO.





QUADRO II.

A ORGIA.

Personagens do quadro.

PEDRO ARBUES.

D. RODRIGO.

FR. ANSELMO.

FR. AMBROZIO.

FR. JOSE'.

PEDRO.

HENRIQUE.

D. FELIPPE.

MANOEL.

FAMILIARES DO SANTO OFFICIO.

FRADES DOMINICANOS,

1854.

A Scena representa um espaçoso e sumptuoso sallão com quatro portas, sendo duas a direita, e duas a esquerda, no fundo uma galeria formando uma sacada, pela qual se avista o jardim; uma meza comprida no meio da Scena, ricamente ornada com deliciosas iguarias e vinhos preciosos, em roda cadeiras. São duas horas da madrugada.

SCENA I.

PEDRO ARBUES, D. RODRIGO, FR. ANSELMO, FR. AMBROZIO, FR. JOZE, FRADES DOMINICANOS. (*Todos sentados em roda da meza, devendo ficar Fr. Josè entre Pedro Arbues e Fr. Anselmo, e D. Rodrigo entre Pedro Arbues, e Fr. Ambrozio a comerem e a beberem*) E FAMILIARES DO SANTO OFFICIO (*a servirem a meza de braços crusados, e durante alguma scena muda em que todas estas altas personagens comem e bebem, algum dos familiares sahem e entram levando pratos, e trazendo iguarias*).

PEDRO ARBUES (*Comendo*).

Sabeis acaso, meus Senhores, que o Porteiro do Ceo forja sem cessar novas chaves para mais seguramente guardar as avenidas desse bello reino, e augmentar para nós os prazeres terrestres? Está estabelecida a Inquizição em Portugal e não haverá em breve canto do globo onde não esteja estendida a nossa dominação

D. RODRIGO (*Comendo*.)

Tanto melhor, a inquizição é um moinho em que o mão trigo se moe, muda-se para nós em dobrões Hespanhães.

FR. AMBROZIO (*Comendo*.)

E os dobrões em prazeres celestes, em deliciosos festins.

D. RODRIGO (*Comendo*).

Tanto assim que é melhor ser Inquisidor do que Papa, e que o Porteiro do Ceo que diz ser nosso amo, não é na verdade mais que o intendente dos nossos pequenos prazeres.

FR. JOSÉ (*Comendo*).

E demais, os Papas são tão velhos e severos! De que servem os prazeres deste mundo quando se è velho, e severo, não se querem ou não se pode gozar?

PEDRO ARBUES. (*Larga o talher no prato*)

E' melhor ser noviço em um convento Dominicano, não é assim, Fr. Jose?

FR. JOZE (*Levanta-se, cruza os braços em signal de humildade.*)

E' melhor ser escravo de Nossa Eminencia.

PEDRO ARBUES.

O Papa trabalha em boa fé, e nós aproveitando-nos della, colhemos o fructo do seu trabalho, em quanto elle occupado com os Cardeaes perde o tempo, nós colhemos nos campos de Cythera todas as bellas flores que se acham na nossa passagem.

D. RODRIGO.

Eu não me dou a esse trabalho, tenho pessoas que me trazem as permicias do que se pode encontrar. Verdade é que me custa mais caro.

FR. JOZE.

Quanto a mim prefiro colher-as eu mesmo, e quando uma mulher me agrada procuro por meio de caricias, e alagos vencer-a.

FR. AMBROZIO.

Eu não me dou a tanto trabalho, quando uma mulher me agrada, faço-a simplesmente roubar-a pela sociedade da Garduna.

PEDRO ARBUES.

Util instituição! a qual devemos proteger com todas as nossas forças, Senhores, No dia em que a confraria da Garduna não existir mais em Hespanha podemos dizer adeos aos nossos prazeres e as nossas vinganças.

FR. ANSELMO.

Ora! nada ha que valha aos familiares do Santo Officio para os raptos nocturnos, e para os assassinatos clandestinos. Um familiar é discreto como a morte e pode fazer o que quizer impunemente, porque a palavra inquisição é a garantia de todos os actos: ninguém ouza murmurar.

PEDRO ARBUES (*A meia voz para Fr. José.*)

Probre gente! pobre gente! o amor proprio embriaga-os mais que o vinho que lhes prodigalizo.

FR. JOSE' (*A meia voz para Pedro Arbues.*)

E' por essa razão que Vossa Eminencia domina a todos, vós sabeis conservar a razão no meio da Orgia, e praticar a sangue frio aquillo de que elles se gabam na embriaguez.

PEDRO ARBUES (*Muito inquieto.*)

Henrique não vem, não o encontraste na ponte de Triana, Fr. José?

FR. JOSE'

Não. julguei mais prudente deixal-o obrar só; mas tranquilizai-vos Monsenhor: Henrique é fiel. (*Pequena pausa, e durante a mesma comem e bebem. D. Rodrigo, Fr. Anselmo, Fr. Ambrozio e alguns frades fazem que conversam em segredo uns com outros.*)

PEDRO ARBUES.

De que fallaes, meus Senhores?

FR. AMBROZIO.

Monsenhor, fallamos das bellas raparigas que possue a nossa bella Cidade de Sevilha, quero provar ao Arcebispo de Toledo, que a mais bella de todas é a filha do Governador. (*Pedro Arbues faz um signal de surpresa.*)

FR. ANSELMO.

Oh! quanto a essa, é uma cidadella intomavel, ouvi duas vezes a sua confissão, e suspeito que esteja um pouco contaminada pela herezia, ella sustenta uma controversia, como uma discipula de Luthero.

FR. AMBROZIO.

Que bella heretica para ver arder.

D. RODRIGO.

Quereis sem duvida dizer no fogo de amor, eis ahi uma conquista digna de Sua Eminencia.

PEDRO ARBUES (*Com bastante orgulho.*)

Nada tendes de mais difficil a propor-me?

FR. AMBROZIO.

Sua Eminencia recua.

PEDRO ARBUES.

Eu não recuo; mas não queria fazer tão pouco para agradar-vos, meus Senhores.

Todos.

Nós nos contentamos com isso.

SCENA II.

OS MESMOS E PEDRO.

PEDRO.

Monsenhor, Henrique pede ser introduzido aos pés de Vossa Eminência.

PEDRO ARBUES (*Com muita satisfação.*)

Meus senhores! o diabo servio-vos como dezejaveis, hei-de ver a filha do Governador (*Para Pedro*) Henrique pode entrar (*Pedro retira-se, e todas as personagens levantam se e derigem-se a porta*) Peço vos cem dias de indulgencia para esse bom Henrique, que nos traz a filha do Governador: é o melhor servo da Inquizição.

SCENA III.

OS MESMOS, PEDRO E HENRIQUE, (*Henrique vem molhado e todo coberto de sangue.*)

PEDRO ARBUES.

O que é isto?

HENRIQUE.

Monsenhor, todos os nossos esbirros morrerão, a filha do Governador foi nos roubada, e eu mesmo salvei me com grande difficuldade a nado, para vir dar vos conta do acontecido. (*D. Rodrigo e todos os mais personagens retiram-se na maior confusão, e por ultimo Fr. José demonstrando uma inexplicavel alegria.*)

PEDRO ARBUES (*Muito incoherizado*)

Fostes em fim todos uns covardes.

HENRIQUE.

Nós fizemos o que podemos para executar as ordens de Vossa Eminência.

PEDRO ARBUES.

E Francisco ? !

HENRIQUE.

Morreu, Monsenhor; morreu como os outros.

PEDRO ARBUES.

Tu és um miseravel ! Sahe da minha presença; e não me appareças mais. (*Henrique fica conculso e cahe desmaiado, e Pedro Arbues retira-se no maior desespero possivel, e durante alguma scena muda os familiares do Santo Officio desarranjam a meza e igualmente se retiram.*)

SCENA IV.

PEDRO ARBUES so' (*Entra em scena de tunica sem capa e sem correia, e na maior afflicção possivel. senta-se, fica pensativo, e depois de um pequeno intervalo levanta-se.*)

Dolores ! Oh ! Dolores ! O ! quanto estava bella ! quanto era bella no meio do seu terror ! Oh ! tel a assim visto aqui.... tel-a em meu poder, sem temer sua cholera, e nem os seus gritos!... Assim, e entre tanto aconteceria a não ser a puzilanimie covardia desse indigno Henrique. (*Torna-se furioso*) Vil escravo que só sabe adular e não servir: raça maldita! que beija a poeira das nossas sandalias, e quando se trata de nos saptisfazer recua ante o perigo. Mas qua! não sou eu aqui Senhor, não posso pela força o que a destreza não pode conseguir? O' lá! (*Entra Pedro*) Vai chamar meu Secretario. (*Pedro retira-se.*)

SCENA V.

PEDRO ARBUES E D. FELIPE.

PEDRO ARBUES.

D. Felipe, prendeu-se esta noute o Governador de Sevilha ? Foi conduzido aos calabouços do Santo Officio?

D. FELIPE.

As ordens de Vossa Eminencia serão religiosamente executadas.

PEDRO ARBUES.

Bem! podeis retirar-vos e dissei a Fr. José que preciso fallar-lhe já. (*D. Felipe faz uma venia e retira-se.*) Ao menos vingar-me-hei della; espero que esses malditos gitanos a quem protejo cumprão melhor as suas promessas do que os meus familiares, de ordinario os filhos da Garduna tem mais arteira mão. Esse Estevão de Vargas, que eu aborreço, já não existe ao menos gabar-me-hei de ter roubado Dolores a este rival tão odiozo quão feliz. (*Olha para dentro*) Oh! ahí chega Fr. José, fallaremos ainda sobre Henrique.

SCENA VI.

PEDRO ARBUES E FR. JOSÉ'.

PEDRO ARBUES.

Entra , Fr. José, tua presença sempre me é cara.

FR. JOSÉ'.

Monsenhor, está incommodado?

PEDRO ARBUES.

Sim, Fr. José não posso ter um só momento de socego.

FR. JOSÉ'.

Monsenhor, ha tambem no palacio um pobre homem que sofre , ferido como está no corpo e na alma pelo serviço do Vossa Eminencia. (*Pedro Arbues lança um olhar terrivel para Fr. José, e este finge nada perceber.*) Este homem, Monsenhor, pouco faltou para perder a vida no serviço de Vossa

Eminencia e quando chegava pizado, e exvahindo-se em sangue Vossa Eminencia o repelio como se fora um animal imundo, recuzando ouvir a sua justificação.

PEDRO ARBUES.

Fr. José! sabes que se outro, que não fosses tu, ouzasse de interceder por Henrique....

FR. JOSÉ.

Vossa Eminencia dar-lhe-hia ouvidos como se digna ouvir-me, porque Vossa Eminencia, é acima de tudo justo, e a si proprio exproba a crueldade praticada com o pobre Henrique.

PEDRO ARBUES.

Um trahidor!

FR. JOSÉ.

Um servo prompto a morrer por vós, Monsenhor; um criado fiel, e vallerozo, e de que tendes necessidade. A quem fareis vós agora Governador de Sevilha?

PEDRO ARBUES.

Pelas chinellas do Papa! Vós zombaes Fr. José, e qual de nós é mais louco, vós joven imprudente que me entreteis com iguaes frioleiras, ou eu o Grande Inquizidor de Sevilha, que vos dou ouvidos?

FR. JOSÉ.

Monsenhor, eu vou provar-vos immediatamente que ambos nós somos muito sabios.

PEDRO ARBUES.

Tenho muita vontade de ver como arranjareis isso.

FR. JOSE'.

Nada é mais facil, Monsenhor. Acabaes de roubar á nobre e leal Cidade de Sevilha o seu honrado Governador, o Conde Manoel Argozo, eis ahi a Cidade sem Mentor, e Vossa Eminencia sem auxiliar. Nestes tempos de herezias, Monsenhor, um auxiliar é cousa sem a qual Vossa Eminencia não pode passar.

PEDRO ARBUES.

Aonde queres tu hir?

FR. JOSE'.

Quero chegar a provar-vos, Monsenhor, que o melhor auxiliar da Inquizição é o Governador da Cidade, e que é urgente que esse Governador seja creatura de Vossa Eminencia. Ora isto posto, aonde achareis um homem que mais vos quadre que este pobre Henrique, que por um roubo de moça soffreu dois ou tres baptismos, como dizem esses maldictos ciganos da Garduna, e o mais completo banho que seja possível imaginar-se?

PEDRO ARBUES (*Com ar risonho.*)

Henrique Governador de Sevilha? Porém tu sabes Fr. José, que Henrique para nada presta, e para muito menos serve, em fim para nada é bom, e que é um homem de mau baixo nascimento.

FR. JOSE'.

Melhor, porque mais será o poder de Vossa Eminencia e fará delle o que quizer. (*Pequena pausa*) Quereis Monsenhor, que eu chame esse pobre Henrique, a fim de que se justifique, e implore o perdão?

PEDRO ARBUES.

Sabes se elle está bem arrependido do máo successo da sua expedição?

FR. JOSE'.

Sei, e disso tem perfeita contricção, Monsenhor.

PEDRO ARBUES.

Vá feito, um homem que recebeu tres punhaladas, e que está verdadeiramente contricto merece a minha absolvição. Vai pois, Fr. José, chamar Henrique. (*Fr. José ajoelha-se e beija a mão de Pedro Arbues.*)

FR. JOSE' (*Retirando se.*)

Vão sahindo todos os meus planos segundo os tenho traçado para a minha terrivel vingança.

PEDRO ARBUES.

Sim, Fr. Jose tem razão, e fallou com sabedoria.

SCENA VII.

PEDRO ARBUES, FR. JOSE' E HENRIQUE.

FR. JOSE' (*Com arrogancia.*)

Vamos, vamos, sede indulgente.

PEDRO ARBUES.

Perdão-vos, Henrique, agradecei a Fr. José, que deffendeu melhor a tua causa que um Advogado. Henrique, julgo-te fiel, e bem que te sahiesses mal nesta empreza, espero que para diante os teus exforsos, e o teu zello pelo serviço de Deos repararão este dezastre e para provar-te que não conservo contra ti ressentimento algum te considero ao contrario o meu mais bello criado, vou escrever a Sua Alteza o Senhor Rei, e pedir-lhe para ti o titulo de Governador de Sevilha.

HENRIQUE.

Pois morreo o Conde Manoel Argozo?

FR. JOSE' (*A meia voz.*)

Quazi o mesino; porque jaz nos carcereos do Santo Officio.

SCENA VIII.

OS MESMOS, PEDRO E DEPOIS MANOEL.

PEDRO.

Monsenhor, Mestre Manoel pede licença para fallar a Vossa Eminencia.

PEDRO ARBUES.

Bom! D. Estevão de Vargas está morto. Fazei-o entrar. (*Pedro retira-se, e depois de uma pequena pausa volta acompanhado de Manoel; este entra com o chapeo na cabeça, e Henrique faz-lhe signal para que se descubra, e Manoel trata-o com desprezo.*) Ora muito bem! Está tudo concluido, não é assim?

MANOEL.

Não, nada se fez.

PEDRO ARBUES.

Que! Que disseste! D. Estevão de Vargas?

MANOEL.

Corre os campos, nem si quer um cabello lhe cahio da cabeça. Pela primeira vez desde que existe a Garduna, contou um trahidor em seu seio, e esse trahidor achava-se entre os seus melhores e mais valentes filhos.

PEDRO ARBUES (*Batendo o pé.*)

Por Satanaz! é possível que tudo se tenha conspirado e me trahido? Dizci-me como se chama o trahidor!

MANOEL.

Jurei, que ninguem o saberia, Monsenhor, este nome pouco importa a Vossa Eminencia. Vim sómente para lhe restituir a quantia adiantada a.... aquelle que tinha sido incumbido da expedição. (*Põe sobre a meza uma bolsa com dinheiro.*)

PEDRO ARBUES.

Não ha pois ninguem entre os teos Gitanos que queira encaregar-se disto?

MANOEL.

Oh! entre nós ha homens valentes e fieis, Monsenhor, e atrevo-me a prometter-vos que para o futuro.... Porém nós perdemos o rasto do nosso homem, e é-me preciso um prazo.

PEDRO ARBUES.

Que por isso não se perca, se me prometteres, que D. Estevão de Vargas não escapará: torna a levar o teu ouro, Manoel, isto não é senão a conta de maior mercado, quanto mais difficil se for tornando o negocio, tanto maior será a recompensa, meu heroe.

MANOEL (*Arrecadando de novo a bolsa.*)

Seja assim; daqui a oito dias, Monsenhor, prometto a Vossa Eminencia, que o rapazolla receberá um baptismo de Mestre.

FR. JOSE'.

Amen. (*Retira-se com a maior indifferença pela porta em que entrara Manoel, e poem-se a espreita.*)

PEDRO ARBUES.

Não saberás tu dizer-me em que lugar se refugiou a filha do Governador de Sevilha?

MANOEL.

Monsenhor, não me havia encarregado de a vigiar.

HENRIQUE (*A meia voz.*)

Igual resposta teve o Senhor de Caim.

PEDRO ARBUES.

Ora eis ahi, Manoel, uma captura pela qual todo o ouro dos meus cofres te seria dado; trata de descobrir essa rapariga, e de m'a trazeres.

MANOEL.

São, e salva?

PEDRO ARBUES.

Por Christo! por Christo sem que lhe cáia um só cabello, ouves? Sem que lhe cauze o menor susto. Não tendes mulheres, vós outros que vos occupaes com taes mysteres? Que descubram aonde está essa rapariga, ella não desconfiará de outras como ella do mesmo sexo. que se empregue a astucia, o ardil, que nada se poupe; que.... em fim, tu mui bem, e melhor do que eu deves saber o que convem fazer.

MANOEL (*A meia voz.*)

Oh! Catharina! só ella seria capaz de desempenhar essa commissão (*Para Pedro Arbues*) Monsenhor, farei deligencia; mas por ora nada prometto, o negocio é mais difficil do que se pensa.

PEDRO ARBUES.

Adeos, Manoel, sede vigilante (*Vai-se com Henrique, e Pedro; e Manoel quer retirar-se e é detido por Fr. José.*)

MANOEL.

Esqueceria a Sna Eminencia alguma couza ?

FR. JOSE'.

Sim, esqueceu-se de te dizer que eu não quero que morra D. Estevão de Vargas.

MANOEL.

Seria preciso ter-lhe lembrado.

FR. JOSE'.

Com tanto que o saibas tu , não é bastante?

MANOEL.

Monsenhor deu-me arraz para escurecer D. Estevão de Vargas, e não conheço couza alguma que me impeça de fazer a vontade de Monsenhor.

FR. JOSE'.

Excepto a minha. Repito, que não quero que D. Estevão morra, ouves, Manoel? Quanto as arraz eu as restituirei a Monsenhor, fica socegado a esse respeito.

MANOEL (*Depois de uma pequena pauzu em que durante a mesma fica pensativo.*)

Reverendissimo, aconteça o que acontecer, sereis obedecido.

FR. JOSE'.

Está bem, aconteça o que acontecer, lembra-te e chama por mim (*Dá-lhe uma bolsa com dinheiro.*)

FIM DO II QUADRO E DO I ACTO.



ACTO 2.

QUADRO II.

Os Remorsos.

Personagens do quadro

PEDRO ARBUES.

FR. JOSÉ.

HENRIQUE.

DOLORES.

1355.

A scena representa um sumptuoso jardim , proximo ao proscenio dous bancos de marmore , no centro a estatua de Minerva, no fundo varias janellas pequenas com grades indicando serem as cellas dos frades, uma grande e larga porta que dá entrada para o convento , e junto della a entrada dos subterraneos; e contiguo e do lado direito do espectador uma grade corrida em formato de varanda , e por baixo dessa varanda uma porta regular que dá entrada para o Palacio do Grande Inquizidor. Vem rompendo a aurora.

SCENA I.

PEDRO ARBUES (*Dormindo sobre um dos bancos, Fr. José depois de uma pequena pausa de uma scena muda è que sahe vindo dos subterraneos, apaga o archote , atira-o para dentro do portão do convento, e dirige-se para o proscenio, e apenas avista Pedro Arbues pára no meio da Scena, fica estatico, e a contemplal-o.*)

PEDRO ARBUES (*Dormindo.*)

Ai!

FR. JOSE'.

São os remorsos que lhe dilaceram a alma, so é que remorsos pode ter um malvado dessa ordem, e quem não conhecer este perverso, que acoberto com o inviolavel nome de Deos trata de torturar um ancião respeitavel, porque sua virtuosa filha não quer ceder aos seus libidinosos fins, procura entregal-o ao carrasco do faribundo e sedento tribunal da Inquizição, este Pai venerando e honrado, este Pai que amava com toda a vehemencia de amor paternal, que lhe dou-rava a existencia, proporcionando-lhe dias felizes, qua extremo sempre nem lhe deixava sentir a falta de sua Mãe, esta desgraça dizemos excedia as forças de mulher casta e inexperiente, era finalmente o escolho onde perecia todo o valor da donzella.

PEDRO ARBUES.

Dolores! onde estás, Dolores!

FR. JOSE'.

Debalde a procuras, ella tem um ente mais poderoso, que tu, e que vella sobre a Virgem pura.

PEDRO ARBUES (*Levanta-se delirante e abraça a Fr. José.*)

Dolores! Dolores! estás finalmente em meus braços.

FR. JOSE'.

Ai!

PEDRO ARBUES (*Empurra Fr. José e este cahe.*)

Maldito seja este sonho! julguei abraçar o corpo mimozo de uma mulher. (*Passa a mão pela testa como quem procura recordar-se de alguma cousa.*) Pobre rapaz, tomei-te por uma mulher. (*Ajuda Fr. José a levantar-se.*) Vamos, vamos, levanta-te e demos uma volta por este jardim, ajuda-me a afungentar as vizões de que está cheio o ar esta madrugada.

Os genios da geralda derão o seu paradeiro hoje para minha casa, Sonhava, e parecia-me que já não vivia, vamos Fr. José, ajuda-me eu te peço.

FR. JOSÉ'.

Vossa Eminencia acha-se bastante agitado tem algum encommodo?

PEDRO ARBUES.

Passo muito bem, meu amigo, Fr. José. Dar-se-ha acaso Fr. José, que nada mais tenhas sabido?

FR. JOSÉ'.

Absolutamente nada Monsenhor tenho podido descobrir.

PEDRO ARBUES.

Que devo eu então fazer? Puz em alarma todos os soldados da Inquezição; dezafiei com algum punhado de ouro toda essa raça de Gitanos que vivem da espiolhagem, e assassinos!.... nada! Tenho indagado por todos os conventos de Sevilha, nada, absolutamente nada! Dar se-ha acaso, que Dolores tenha sahido do reino? Esta filha terna e piedosa teria para salvar a cabeça, abandonado seu Pai a minha vingança!

FR. JOSÉ'.

Monsenhor, se com effeito essa rapariga quiz escapar fugindo as investigações da Inquezição não poderieis escrever aos tribunaes de Aragão, Castella, aos de Mallaga, e Cuenca, aos de toda a Hespanha, e finalmente a Sua Alteza o Senhor Rei, para que por toda a parte se espalhem os esbirros do Santo Officio em seguimento da fugitiva?

PEDRO ARBUES.

Não! não! não é de sua morte que eu preciso, é ella só.

FR. JOSE'

E o Governador de Sevilha não está nos Carceres da In-
quezição?

PEDRO ARBUES.

Sem duvida, eis a razão porque eu não posso comprehen-
der esta fuga de sua filha, ella é tão energica e animosa!
ama tanto a seu velho Pai! (*Delirante*) Oh! que venha, que
venha! com que prazer lhe diria—Teu Pai será posto em
liberdade; porém sê minha.—E ella para salvar seu pai-
cederia.

FR. JOZE'. (*Lança um olhar de indignação, e falla a meia voz*)

E seu Pai não ficaria livre!

PEDRO ARBUES.

O que estás ahí resmungando Fr. José?

FR. JOSÉ.

Imagino Monsenhor, que tormentos novos poder-se-hia in-
ventar para aterrar esta rapariga no caso de que appareça.

SCENA II.

OS MESMOS E HENRIQUE (*Henrique vem do Palácio do Gran
de Inquizidor vestido de Governador.*)

PEDRO ARBUES (*Assusta se.*)

Quem vem ahí?

HENRIQUE.

E' o vosso fiel Henrique. Monsenhor é o Governador de
Sevilha que vos procura.

PEDRO ARBUES.

Para que assim me surprehendeis?

HENRIQUE (*Com ar alegre.*)

Trago boas noticias a Vossa Eminencia, e assim julguei que....

PEDRO AUBUES.

Pois falla, vamos o que ha de novo?

HENRIQUE.

Dolores Argozo?

PEDRO ARBUES.

Está bom avante!

HENRIQUE.

Está no convento das Carmelistas além do Gualdaquevir.

PEDRO ARBUES.

Dolores! e desde quando ?

HENRIQUE.

Ha um anno !

PEDRO ARBUES.

Mentes ! eu proprio vizitei o convento ha dous mezes, e Dolores não estava.

HENRIQUE.

Está, Monsenhor, o juro-vos pela Santa Inquizição, tenho certeza do que digo, e vol-o provarei.

PEDRO ARBUES.

Valente e bravo Henrique! bravo Henrique, como descobristes isto !

HENRIQUE (*Ajoelha-se.*)

Monsenhor, absolva-me Vossa Eminencia deste peccado, disfarcei-me em frade, e ouvi de confissão a Abadeça.

PEDRO ARBUES.

Jesus! eis ahi uma lembrança de que nem tive ideia; eu, que sou Sacerdote.

HENRIQUE.

Vossa Eminencia Absolve-me ?

PEDRO ARBUES (*Abençoa Henrique. e este levanta-se*)

Muito bem ! muito bem ! (*Esfregando as mãos, e com summa alegria*) Agora, nós dois, altiva Lucrecia! Entremos, Henrique , tens que me informar acerca da sua nova administração (*Retirão-se, e ao chegar a porta do Palacio Fr. José faz uma venia a Pedro Arbues*) Então não entras Fr. José!

FR. JOSÉ'.

Desculpai, Monsenhor, tenho que apromptar um sermão para amanha.

PEDRO ARBUES.

Está bom, porém depois de teu sermão nos acompanharás ao convento das Carmelitas.

FR. JOSÉ'.

Estou as ordens de Vossa Eminencia.

SCENA III.

FR. JOSÉ' so' E DEPOIS DOLORES (*Vestida de preto e um veio cobrindo-lhe o rosto.*)

FR. JOSÉ'.

Quando é que Jesus Christo deo poder aos homens para

vingar a sua morte? Quando é que esse Deos de infinitas misericordias authorisou a Inquizição para torturar aos seus semelhantes por meras vinganças? (*Vai querer retirar-se, e suspende-se apenas avista Dolores.*)

DOLORES.

Sr. Reverendô, far-me-heis o favor de dirigir-me a Monsenhor Pedro Arbues?

FR. JOSE'.

Quem sois? Que tendes que dizer lhe?

DOLORES.

Venho pedir-lhe a vida de meu Pai, sim de meu Pai innocente, e que o accusam de herezia, de meu Pai, que era o Governador de Sevilha, e que hoje....

FR. JOSE'.

Dolores !

DOLORES.

Como, e donde sabeis o meu nome ?

FR. JOSE'.

Dolores Argozo, foga desta casa, porque nella te espera a deshonra ou a morte.

DOLORES.

E como sabeis disso ?

FR. JOSE'.

Vem, pobre Donzella, vem, e se queres ficar pura, se queres que teu Pai se salve, esconde-te: oh! sim occulta-to sobre tudo as vistas de Pedro Arbues.

DOLORES.

Pois bem! dizei-me, o que é preciso que eu faça para salvar meu Pai?!

FR. JOSE'.

Que te escondas, e me deixes trabalhar. Confia-me a tua causa, e tranquiliza-te.

DOLORES.

A quem? A vós Dominicano?

FR. JOSE'.

Sim a mim Dominicano, que debaixo deste habito sinistro occulto um coração nobre e ardente.

DOLORES (*A meia voz.*)

Oh! elle é tão moço! (*Para Fr. José.*) Oh! meu Deos! para que vos fizestes Dominicano?

FR. JOSE'.

Quem sabe? Talvez para te salvar, cré-me; donzella, não procures sondar os mysterios da minha vida: não é o habito que faz o Monge, e muitas vezes debaixo d'elle se escondem as feridas do coração.

DOLORES.

Ah! Pois vós tambem?!

FR. JOSE'.

Não penses em mim, occupemo-nos de ti sómente. Dize-me o que vais fazer agora?

DOLORES.

O que Deos for servido!

FR. JOSE'.

Onde te esconderás?

DOLORES.

Voltarei para o Convento das Carmelitas.

FR. JOSE'.

Deos te deffenda de o fazer; o Grande Inquizidor descobrio o teu azilo, amanha em diante elle deve dezenganar-se por si proprio de uma denuncia que a pouco acaba de ter a eu respeito.

DOLORES.

Porém como elle pode saber isto? O Appostolo das Indias não disse o meu nome a pessoa alguma, e nem mesmo a Abadessa.

FR. JOSE'.

Pobre infeliz Donzella! Tu perguntas como a inquezição viola todos os segredos e todas as conveniencias? Nada lhe é occulto, e nem inviolavel: o proprio tumulto ella não respeita

DOLORES (*Esconde a cara entre as mãos.*)

Oh! meu Deos! meu Deos! (*Chora e soluça.*)

FR. JOSÉ.

Socega, socega, minha Irmãa.

DOLORES.

Sim é verdade, meu Padre, nem mesmo chorar nos é permittido.

FR. JOSÉ.

Não, porque teus gemidos irritam o tigre, sua sede de homicidios torna-se mais ardente.

DOLORES.

Oh! por quem sois, fallai mais baixo meu Padre, poderíamos ser ouvidos, e então...

FR. JOSÉ.

Sim dissestes bem, tens razão porque em cada pedra que nos cerca repercute um echo delactor. Silencio!.. Silencio! Porém antes de me deixares, infeliz donzella! dize-me para onde vaes!

DOLORES.

Tranquilizai-vos, tenbo um azilo; e vós prometeis-me salvar meu Pai?

FR. JOSÉ.

Sim! juro-o pela alma, e pelos innanimados restos daquelle aquem mais amei! Se teu Pai morrer será porque nada terei podido fazer em seu soccorro, e que tu mesma não o teria podido salvar com o teu proprio sacrificio: ouves-me Dolores?

DOLORES (*Apertando a mão de Fr. José*).

Oh! eu vos creio; e acredito-vos. Porém aonde poderei tornar a ver-vos?

FR. JOSÉ.

Escuta: no fim da rua dos Bohemios, nos suburbios de Trianna, ha um lugar horrivel, e immundo, a que chamam taberna da Buena Ventura. Verdadeiro ninho de abutres, onde o roubo, o assassinato, e o latrocinio emprazam todas as noites o seu paradeiro. O aspecto deste lugar è repelente e lugubre, ali, só ouvirás cynicos rizo, ou espantosas horriveis blasfemias. Este lugar è frequentado por tudo o que de impuro a Hespanha enserra, salteadores, mulheres

pervertidas, ciganos, e frades. Ali, sahem tambem da boca desses frades blasfemias, imprecações, e palavras obscenas; a embriaguez confunde em commum embrutecimento aquelle que a sociedade regeita e repelle do seo seio, e os que arrogam o direito de a reger. Ali, se elaboram vergonhosos crimes, os assassinatos Juridicos, as perseguições injustas, as dilações falsas, punhal de dous gumes que mata com sempre seguro golpe; porque neste immundo lupanar, acham-se instrumentos para todos os crimes.

DOLORES. (*Muito atterrada.*)

Aonde quereis hir, meu Padre?

FR. JOSE'

Pois bem! ouve: é ali que me hasde procurar.

DOLORES.

Meu Deos! acazo sonharei? E o que pertendeis vós em semelhante lugar, meu Padre?

FR. JOSE' (*Com muita exaltação.*)

Escuta: tu viestes hoje a casa do Grande Inquezidor; pois acredita-me; donzella, o lugar de que te acabo de traçar imperfeito horrivel esboço, é menos horrorozo mil vezes que o Palacio de Pedro Arbues. (*Muito meigo*) Vai infeliz donzella, não temas hir aonde Fr. José do Coração do Jesus te disser que vás; porque elle salvar-te-hia a custa de sua propria vida! A Taberna da Buena Ventura, pertence a um aguazil chamado Pedro, valente e honrado rapaz, que me é affeçoado, e a sua Irmã Roza, excellente rapariga, que se lançarião no Gualdaquevir para servir alguem.

Estes moços são pobres, ganham a vida conforme podem; mas fia-te nelles. Se de mim necessitares, bastará dizeres a Pedro ou a sua Irmã Roza:—Precizo fallar ao Padre José.

—Então tornarás a ver-me; porém acautela-te, não sahas senão de noite, e desfarçada. Nada temas eu não vos comprometterei.

DOLORES.

Mas, não tenho, e não devo recear?

FR. JOSE'.

Nada; não se suspeitará nunca que tu frequentas esse lugar; sómente alli passarás desfarçada por uma menina do Povo.

Adeos Dolores, descança, e confia em mim, mas pensa que não podes pronunciar o meu nome senão diante de duas pessoas, o aguazil Pedro, e sua Irmãa. Adeos, sê prudente! (*Vai-se*)

DOLORES.

E vós meu Padre, tende piedade de mim, e salvai meu Pai!

FIM DO III. QUADRO.



QUADRO IV.

O JULGAMENTO.

Personagens do quadro.

PEDRO ARBUES.

MANOEL ARGOSO.

FR. JOSE'.

FR. FRANCISCO XAVIER.

D. ESTEVÃO DE VARGAS.

PEDRO.

FR. ANSELMO.

FR. AMBROZIO.

D. FELIPPE.

FRADES DOMINICANOS,

FAMILIARES DO SANTO OFFICIO.

1556.

A scena representa a salla do julgamento do Tribunal do Santo Officio toda forrada de preto, no fundo um docel de baixo do qual estará uma cruz com uma toalha enlaçada nos braços da mesma, e por baixo della uma cadeira de espaldar, a direita do espectador uma meza com uma cadeira e uma escrevaninha, papel, pennas, e uns Autos: a esquerda uma outra meza pequena com uma cadeira de braços, com papel, pennas, e uma escrevaninha, e no centro da scena uma grande meza em simicirculo formando uma ferradura, e sobre a mesma varios tinteiros, papel, penna, e no centro da mesma e na cabeceira um missal, um torniquete, um par de anjinhos, uma mordaga, um par de algemas, nos extremos da ferradura dois moxos ou tamborettes razos e triangulares, a direita do espectador dois ou tres bancos compridos, e a esquerda e proximo ao proscenio um fogareiro, ou brazeiro com varios ferros a aqueitar-se, e em roda da ferradura varios toucheiros de cera amarella. A excepção dos tamborettes tudo o mais deve estar forrado de preto.

SCENA I.

PEDRO ARBUES (*Assentado na Cadeira de espaldar debaixo do docel.*) FR. JOSE' (*Assentado junto a meza pequena.*) D. FELIPPE (*Assentado junto a meza da direita do espectador.*) FR. AMBROZIO, FR. ANSELMO, FRADES DOMENICANOS (*Assentados em roda da ferradura*) FR. FRANCISCO XAVIER, D. ESTEVÃO DE VARGAS (*Assentados em um dos bancos compridos*) PEDRO (*De braços cruzados junto a Fr. José.*) FAMILIARES DO SANTO OFFICIO (*De braços cruzados em roda da ferradura, e um delles junto ao brazeiro aqueitando os ferros; todas estas personagens, a excepção de Fr. Francisco Xavier e D. Estevão de Vargas, devem ter um pano preto com dois buracos nos olhos, dois no nariz e um na boca, cubrindo-lhes o rosto.*)

PEDRO ARBUES.

Meus Irmãos, vamos dirigir uma pequena prece ao Todo Poderoso, para que nos esclareça e nos envie o Divino Espirito Santo para que nos guie neste julgamento, e ao accusado lhe ministre a hora do arrependimento e da salvação (*Todos levantão-se, e virão se para o docel, ajoelhão-se e depois de uma pequena pausa em que durante a mesma orão, levantão-se e tornão a sentar-se*) Em nome de Deos Padre, Filho e Espirito Santo, e do nosso Patriarcha São Domingos de Gusmão, conduzi o accusado Manoel Argozo. (*Pedro faz uma venia e retira-se com dous familiares.*)

SCENA II.

OS MESMOS, PEDRO E MANOEL ARGOZO (*Acompanhado este por quatro Familiares, e dois dos quaes devem trazer umas disciplinas.*)

PEDRO ARBUES.

Accusado, jurais sobre os Santos Evangelhos dizer a verdade?

MANOEL ARGOSO (*Dirige-se a Pedro Arbues pelo centro da ferradura com toda a rezeignação, ajoelha-se, põe a mão direita sobre o missal.*)

Juro em Nome de Jesus Christo, que me ouve e sobre os Santos Evangelhos dizer a verdade.

PEDRO ARBUES.

Vosso nome?

MANOEL ARGOZO.

Paulo Joaquim Manoel Argozo, Conde de Cevallos, Grande de Hespanha da segunda classe, e Governador da Cidade de Sevilha; por graça do nosso muito Amado Rei e Senhor D. Carlos V.

PEDRO ARBUES.

Omitti vossos titules, que já vos não pertencem. Vossa idade?

MANOEL ARGOZO.

Cincoenta annos.

PEDRO ARBUES.

Vosso estado?

MANOEL ARGOZO.

Viuvo.

PEDRO ARBUES.

Manoel Argozo, sois accusado de terdes accollido em vossa casa um jovem descendente da raça heretica, um mancebo que professa sentimentos oppostos a doutrina da Santa Igreja Catholica Romana, e o não terdes denunciado.

MANOEL ARGOSO.

Monsenhor, não sei o que quereis dizer.

PEDRO ARBUES.

Não denunciar a herezia, valle o mesmo que animal-a. Vós não ignoraveis que D. Estevão de Vargas, oriundo de uma familia Mourisca, está bem longe de ser um puro catholico, e não sómente o acolhestes em vossa casa mas prometeste-lhe a vossa filha unica.

MANOEL ARGOSO.

Monsenhor, o Joven D. Estevão de Vargas, descendente de um desses cavalleiros abencerragens, que voluntariamente se submeteram a Religião de Jesus Christo, e se reconhecerão vassallos do Rei, o Sr. D. Fernando de Aragão, e da Grande Izabel Catholica nossa Glorioza Soberana. Estes cavalleiros receberam dos nossos Senhores Reis os mesmos privilegios de que gozam os Senhores Castelhanos: para que lhes havemos nós recusar hoje direitos que legitimamente adquiriram desde o ultimo seculo?

PEDRO ARBUES.

Todo aquelle que obtem um direito contrahe um dever, e logo que falta este dever, o seu direito torna se nullo. D. Estevão de Vargas, professando doutrinas contrarias aos Santos Canones da Igreja, perdeu a salva guarda de bom Catholico, está reconhecido heretico, e aquelle que fizer aliança com elle será reputado igualmente herege; e está incurso nas penas marcadas para este crime.

MANOEL ARGOZO.

Monsenhor, juro-vos por minha honra, que nunca D. Estevão de Vargas pronunciou diante de mim uma palavra, que

não fosse de um verdadeiro Christão , e leal Cavalleiro, como pois sou eu accusado de um crime que não existe?

PEDRO ARBUES.

Elle nega.

FRADES (*Com voz sepuchral.*)

Ao fogo! ao fogo! (*Pauza.*)

PEDRO ARBUES.

Meu filho, vós me vedes sinceramente allicto pela obstinação a que o inimigo do bem vos obriga. Amo-vos como a Deus e em meu zello pela Santa cauza da Igreja, e minha amizade sincera para com vosco peço ao Senhor que vos envie a luz do arrependimento, e da penitencia, a fim de que reconhecendo as vossas faltas solemnemente as abjureis, e volteis ao caminho da salvação.

MANOEL ARGOZO.

Meu Padre, Deos é testemunha de que eu já mais tive um só pensamento contrario as Leis do Santo Evangelho, e que sempre o tenho servido com amor e confiança.

PEDRO ARBUES.

Porem confessaes que tivestes relações com um Meuro.

MANOEL ARGOZO.

D. Estevão de Vargas, não é Meuro, è tão bem Catholico como vós e eu, Monsenhor.

PEDRO ARBUES.

Deos immenso! o espirito maligno o cega, e elle insulta a nossa Santa Religião.

FRADES (*Com voz sepulchral.*)

Ao fogo! ao fogo! (*Pauza.*)

FR. AMBROZIO.

Monsenhor, elle confessa suas relações com D. Estevão de Vargas.

PEDRO ARBUES.

Sim, eu me servirei disso.

FR. ANSELMO.

Monsenhor, mandai lhe applicar a tortura:

PEDRO ARBUES.

Meu Irmão, negareis tambem, que tendes educado vossa filha com sentimentos contrarios ao verdadeiro espirito da Religião Catholica, e que ella se occupava com estudos perniciosos que nos vem do Norte, e a que chamam philosophia?.

MANOEL ARGOZO.

Sim, nego.

PEDRO ARBUES

Podereis proval-o?

MANOEL ARGOZO.

Senhores, qual de vós provará a verdade, e afirmará, que nem Manoel Argozo, e nem sua filha a nobre Dolores, já mais praticarão outras maximas senão as do Evangelho; vós tudo isto sabeis Senhores, por que minha alma vos estava patente e aberta, assim como a minha casa. (*Pauza*) Senhor, appello para vós mesmo: hieis quotidianamente a minha casa e em vossa dupla qualidade de amigo e Ministro de Deos, deveis melhor que ninguem conhecer meus verdadeiros sentimentos e principalmente os de minha filha.

PEDRO ARBUES.

Eu não era seu confessor.

MANOEL ARGOZO.

O' Monsenhor! Monsenhor, pois Dolores é também accusada de herezia? Dolores está preza como eu?

PEDRO ARBUES.

Não se trata de vossa filha neste momento: sois vós que sois accusado, Manoel Argozo; confessai o vosso crime, se quereis merecer o perdão do Ceo, e o da Santa Igreja.

MANOEL ARGOZO.

Minha filha! o que fizestes de minha filha? Respondei, Monsenhor, disse que nada a ameaça, e tudo poderei supportar.

PEDRO ARBUES.

Manoel Argozo, não é este o momento, nem o lugar de vos occupardes com affeições terrestres; pensai em Deos, e na vossa salvação, e deixai á Providencia o cuidado de velar sobre os que vos são caros.

MANOEL ARGOZO.

Que se cumpra a vontade de Deos!

PEDRO ARBUES.

Meu Irmão, confessai ao menos que fostes tentado pelo espirito maligno. (*Pauza*) Confessai ao menos, que gostaveis de ouvir as maximas Philosophicas, e ante-Christas com que o Lutheranismo infesta a Europa.

MANOEL ARGOZO.

Não sei o que é isso que chamaes Lutheranismo, já mais me occupei com elle.... E' preciso com effeito que Luthero seja um grande homem para que inquiete assim o mundo.

PEDRO ARBUES.

Desgraçado! elle blasphema!.....

FRADES (*Com vós sepulchral.*)

Ao fogo! ao fogo!

PEDRO ARBUES.

E' então verdade, que vos accusam com razão de professardes clandestinamente as maximas do inimigo de Deos e de serdes admirador de Luthero?

MANOEL ARGOZO.

Como posso eu admirar um homem a quem não conheço e seguir suas maximas? Serão por ventura melhores que as minhas? Sua Religião valle mais que a que me ensinaram? E de mais quem é que me accusa? Nomeai o meu accusador, para que eu possa confundil-o.

PEDRO ARBUES.

A caridade Christãa não o permite. Confessai meu filho, e arrenpendei-vos, é o unico meio de salvação que vos resta para outra vida.

MANOEL ARGOZO.

Nada mais tenho a dizer; só tenho a pedir a Deos, que conhece minha innocencia, de a patentear ao mundo e convencer os meus Juizes. Qualquer que seja o inimigo que me accusa, juro a face de Deos! que me vê e me ouve, que è um infame calumniador, declaro que minha filha, Dolores é um anjo. Maldição sobre aquelle que ousar tentar contra a pureza de sua vida.

PEDRO ARBUES.

Entretanto, meu filho, testemunhas vos accusam, e nin-

guem, toma vossa deffeza, ninguém vem protestar contra as primeiras depozições. Vejamos meu filho, quaes são as vossas testemunhas!

FR. FRANCISCO (*Levantando-se.*)

Eil-as aqui!

D. ESTEVÃO DE VARGAS (*Levantando-se.*)

Nós viemos aqui protestar a innocencia de D. Manoel Argozo, Conde de Cevallos.

PEDRO ARBUES.

• Como vos chamaes?

D. ESTEVÃO DE VARGAS.

D. Estevão de Vargas, Conde de Vargas.

PEDRO ARBUES.

Senhor D. Estevão, não podemos admittir o vosso testemunho. Vosso avô não se chama Vargas; mas sim Vengas; não era Catholico; mas sim Mahometano, mudou de nome mudando de Religião. Não podemos acceitar depoimento senão de pessoas de puro sangue Catholico, portanto assentai-vos. Vamos ouvir este Santo Religioso. .

MANOEL ARGOZO [*A meia voz.*]

Para que isso, vós não me salvareis.

PEDRO ARBUES.

Vosso nome, meu Padre?

FR. FRANCISCO.

Francisco Xavier (*Geral commoção entre os inquisidores.*)

PEDRO ARBUES.

Que tendes a dizer em deffeza do accusado?

FR. FRANCISCO.

Venho protestar aqui diante de todos, que Manoel Argozo tem-se sempre conduzido como verdadeiro Christão e Leal Cavalleiro, que nada fez que merecesse as censuras de Roma. Eu o declaro pois innocente de todos os crimes de que o accuzam.

PEDRO ARBUES.

Meo Padre, vosso testemunho é de grande força, e me é penozo dizer-vos apezar do respeito que consagramos a vossa exemplar charidade, não podemos contentar-nos só com o vosso testemunho. Os estatutos da Muito Santa Inquizição exigem o depoimento de doze testemunhas para absoiver um accuzado. Aonde estão as outras testemunhas, meu Padre?

FR. FRANCISCO.

Estou só; mas já que não é bastante o meu testemunho, Monsenhor, talvez Vossa Eminencia não recuze este. (*Entrega um papel com o Sello Real*)

PEDRO ARBUES (*Depois de ler o papel.*)

Está levantada a sessão. (*Levanta-se, bem como todos os Inquizidores, os quaes se retiram e Pedro Arbues chega-se com ar ameaçador para Fr. Francisco Xavier e aperta-lhe a mão.*)

Nós lutaremos, Frade insensato.

FIM DO IV. QUADRO E DO II. ACTO.



ACTO 3.

QUADRO V.

A Sedução.

Personagens do quadro

DOLORES.

PEDRO ARBUES.

FR. JOSÉ.

D. ESTEVÃO DE VARGAS.

MANOEL ARGOZO.

PEDRO.

1557.

A scena representa um subterraneo, no fundo uma escada em forma de caracol, quer dos lados da scena, e quer no fundo portas chapeadas de ferro, e tudo muito escuro.

SCENA I.

DOLORES so' (*Deitada sobre uma pouca de palha, tendo a cabeça sobre um sepo de pão, e vestida de saya branca, e depois de uma pequena scena muda.*)

Roza! Roza! aonde estás, Roza?! (*Ergue a cabeça e olha em redor de si.*) Aonde estou eu?!.. Oh!!... São justamente os subterraneos da Inquizição. Sim, não tenho a menor duvida que são os calabouços da Inquizição! mas o que fiz, que crime cometti para me achar enserrada nos calabouços da Inquizição!!! Oh!.. Oh!.. meu Deos! (*Passa a mão na testa como quem procura recordar-se de alguma couza.*) Que me aconteceu, e por que estou aqui? Ah! sim, sim, eu me

lombro, sahi esta tarde da taberna da Buena Ventura, dançavam nas ruas... todos estavam contentes... Estava eu apoderada do desespero... Tinha visto meu Pai moribundo, e nada lhe podia fazer; nada! nada!.. Quiz tentar todavia, apresentei-me a seus amigos.... aos que se chamavam seus amigos!! Surprehendi-os no meio da embriaguez d'uma festa.... appareci de-repente entre elles com minha dôr e minha tristeza... Roguei-lhes, chorei, pedindo em grandes gritos que se me restituisse meu pai: não me escutaram. Ahi escondido como um trahidor, o Grande Inquizidor espiava minhas palavras! Depois me entregaram ao carrasco como uns infames; na casa desse nobre Duque não encontrei hospitalidade. Sim! sim, é isto mesmo o Duque de Mandejar pagou generosamente com minha morte um sorriso de Pedro Arbues (*Cahe desfullecida.*)

SCENA II.

A MESMA, E PEDRO ARBUES (*Pedro Arbues vem do alto, trazendo um archote mettido em um pão com um espigão na ponta e logo que chega ao meio da escada apparece em cima Fr. José também com um archote igual ao de Pedro Arbues; este, apenas desce, atira com o archote que fica espetado no chão e dirige-se ao lugar em que está Dolores deitada, ajoelha-se e põe-se a contemplal-a.*)

DOLORS (*Depois de alguma scena muda torna a si, ergue a cabeça e apenas encara com Pedro Arbues levanta-se horrorizada e corre para o proscenio.*)

Ah!..

PEDRO ARBUES (*Detendo-a.*)

Tendes medo de mim? (*Fr. José desce e para no meio da escada.*)

DOLORS.

Oh! Monsenhor! Monsenhor! porque assim me perseguis?

PEDRO ARBUES.

Minha filha! o pastor procura a perdida ovelha até que a encontra.

DOLORES.

O lobo também procura a ovelha para devorá-la.

PEDRO ARBUES.

Dolores! vejo com dor vossa alma perdida pelas abomináveis doutrinas da reforma. Aquelle que tem fé em Deos tem é em seus Ministros, e vós não me credes.

DOLORES.

Sede bom e justo como Deos. Obedecerei ao servo quando seguir os preceitos do Senhor. Mas que me pedis, Monse-nhor? Adorar a mão, que para ferir procura uma cabeça innocente? Quereis que bem diga aquelle que fez de meu Pai, do meu nobre Pai, um cadaver vivente?

PEDRO ARBUES.

Pobre insensata! tendes penetrado no caminho da perdição de tal sorte, que a verdade não possa discipar-vos as profundas trevas? Ignoraes que ferimos o corpo corruptivel a fim de salvar a alma immortal?

DOLORES.

Ah! Monsenhor, se esses são os vossos meios de salvar as almas, crede-me, renunciái-os, fazem que se duvidem da justiça de Deos!

PEDRO ARBUES.

Assim! Assim! Sempre essa inflexibilidade, e essa insubordinação as Leis da Igreja, tiradas da doutrina do Religiozo

Appostata. Não sabeis donzella que Deos disse: — «Toda a arvore que não der bons frutos será cortada e lançada ao fogo» — E que disse ainda: — «Afugentai a impestada ovelha do rebanho.» — Vede porque a Santa Inquisição, para obedecer as ordens do Senhor, sepára todos os mãos membros do catholicismo, cuja perversidade ameaça infestar a grande familia Christãa.

DOLORES.

Monsenhor, o Senhor disse isso; mas disse tambem: — «Não cortai a arvore, e esperai o tempo da colheita.» — Para que pois empregaes contra mim as perseguições e a violencia? Para que me arrebataste meu Pai? que fez elle para o torturarem?

PEDRO ÁRBUES.

Perverteu vossa alma com culpavel tolerancia. A inquisição lhe faz justiça, punindo-o, é dos Pais que a corrupção chega aos filhos. (*Pauza*) Dolores! não quereis converter-vos?!

DOLORES.

Sou Christãa de coração, e alma, Monsenhor, porque me perseguis?

PEDRO ÁRBUES (*Com muita ternura.*)

Oh menina! quanto abuzas dos meus verdadeiros sentimentos (*Pauza*) Tu me odeas?

DOLORES (*Muito meiga*)

Graça, Monsenhor! Graça e piedade! Restitui-me a meu Pai, restitui-me a liberdade, peço-vos em nome de Deos que adoro, em nome deste Grande Martyr, que morreu sobre a cruz para nos salvar. (*Fr. José desce e pára no ultimo degrão.*)

PEDRO ARBUÉS.

Oh! se tu quizesse! Quem vos disse, menina, que eu obrando assim de frente afim de vos chamar a verdadeira fé de que vos apartastes não uze para comvosco da Mizericordia do bom pastor? Compreendei quanto me és cara, e que vos não quero fazer mal. Oh! Dolores! não podeis comprehender quanto è pezada e fatigante a obrigação que Deos nos impõe de governar os outros homens, e conduzil-os ao verdadeiro caminho. O nosso zello nos atrahe o odio, e a cholera dos heresges, e nossa recompensa na terra é soffrer uma pezada cruz... Mas Deos em sua bondade, nos reserva consolações inesperadas. E' as almas brandas como a vossa; por exemplo que nos é permittido votar não só uma affeição espiritual mas ainda esta parte do amor terrestre, quē sem offender a Magestade de Deos, o honra e o glorifica em sua creatura. São essas almas escolhidas que devemos subtrahir dos erros, porque são feitas para servir de exemplo as outras, e para chegar a este fim, os meios de douçura, de ternura e de persuasão sendo os mais seguros, nossa alma se dedica, por um ardente amor, a esta conquista glorioza. Vede porque vos amo, Dolores, vede porque quereria entornar sobre vós a profunda ternura de que meu coração está cheio.

DOLORES.

Monsenhor, eu vos creio, quero crer-vos; que interesse terieis em enganar uma pobre orphã, que em nada vos offendeu? Ah sim! se julgaes que estou em erro, instrui-me, Monsenhor, serei docil e só buscarei a verdade. Quero praticar com amor a doutrina do nosso Divino Salvador. Se me desviei d'esse caminho, conduzi-me ao bom, prometto segui-lo; mas dai a liberdade a meu Pai, e restitui-me a sua ternura. (*Fr. José espeta o archote defronte do de Pedro Arbuss, e fica entre os dois de braços cruzados*)

PEDRO ARBUES (*Abraçando Dolores*).

Dolores! minha linda Dolores! Quanto estimo ver te docil, encantadora, sim, eu te restituirei a teu Pai, e u te restituirei a liberdade. Ob! que mulher será mais feliz e mais amada! Eu te dedicarei minhas afeições.

SCENA III.

PEDRO ARBUES, DOLORES, E FR. JOSÉ.

FR. JOSÉ (*Muito apressado desce ao proscenio*).

Monsenhor !.....

PEDRO ARBUES.

Que vindes fazer aqui ?

FR. JOSÉ.

Monsenhor, vinha, como Vossa Eminencia, converter algum herege.

PEDRO ARBUES.

Por Christo ! Appostaria a vida em como seguistes meus passos.

FR. JOSÉ.

Monsenhor, desconheceis o zelo do vosso fiel servo? Mas o servo não teme um grande senhor, e José, o Inquisidor, não tem medo da Inquisição.

PEDRO ARBUES.

Sahi !

FR. JOSÉ.

Sahirei com Vossa Eminencia; boatos de revolta circulam na Cidade, falla-se de conspiração contra a vossa preciosa vida.

PEDRO ARBUES.

E' verdade ? !

FR. JOSÉ.

Muita verdade , Monsenhor , eu vos acompanharei pois , porque em caso de necessidade , esta lamina de Toledo poderá deffender Vossa Eminencia. (*Tira debaixo do escapulario um punhal*) é uma arma exçellente , Monsenhor , não trahirá seu dono!... (*Apalpa a ponta com o dedo polegar da mão esquerda*). Vinde, Monsenhor, nada temaes.

PEDRO ARBUES.

Espero achar-vos amanhã com dispozições mais submissas , minha filha.

DOLORES (*Com muita resolução.*)

Oh! eu vos odeio! matai-me com meu Pai, unica graça que vos peço.

PEDRO ARBUES. (*Querendo investir para Dolores, e Fr. José o detem*)

Oh! deixai-me vingar d'ella! Que farei para submetter este espirito indomavel?

FR. JOSÉ'.

Mandai-a para o quarto da penitencia. (*Pedro Arbues retira-se na maior desesperação possível.*)

DOLORES.

Oh! obrigada! obrigada! meu Fr. José, de teres vindo salvar-me do abysmo.

FR. JOSÉ'

Agradecei a Deos, que aqui me enviou, e não a mim.

DOLORES.

Oh! como podeis servir a esse homem?

FR. JOSÉ.

E' preciso.

DOLORES.

Sim, eu comprehendo; é preciso na verdade, que uma forcoza fatalidade vos unisse ao destino de Pedro Arbues; vós tão nobre, tão bom, tão generoso, terieis consentido sem isso tornar-vos mesmo em apparencia, o cumplice desse monstro!

FR. JOSÉ.

Acreditaes nisso não é, Dolores?

DOLORES.

Oh! sim, sem duvida, é preciso que assim seja, é preciso que tenhaes grandes motivos, e que uma terrivel desgraça tenha precedido a vossa vida. Quando eu me comparo a vós, Fr. José, a vós que carregaes com tanta coragem a pezada cruz que tendes sobre vossos hombros, acho-me tão pequena, e tão miseravel; porque vede, é necessario confessar-vos succumbo as vezes aos males que me pezam, e me parece que meu juizo me abandona. A escuridão me aniquila, ou isto pode ser que seja a justa punição do meu orgulho, que me persuadia ser capaz de a tudo rezistir.

FR. JOSÉ.

Pobre menina!

DOLORES.

Sim, é isto, Fr. José, este lugar é que me aniquila não ter bastante ar para não morrer! não poder caminhar trez passos sem esbarrar com esta impenetravel barreira; e depois em torno de mim, ver rodear eternamente esta parede escura e humida.... ter vertigens como se me fizesse andar a roda em um balanço encantado.... Feichar os olhos para não ver, e

tudo ver no pensamento: sentir o assoalho faltar debaixo dos meus pés como em sonhos lançada em um immenso vazio, não ter onde segurar-me... Oh! eu hei de ficar louca, Fr. José.

FR. JOZÉ'.

Não, não creias nisso.

DOLORES.

Oh! isto é horrivel! Fr. José, e como o nosso Rei o Senhor D. Carlos V, que se diz tão Grande, pode soffrer tamanho abuzo?

FR. JOSE'.

A Inquisição é mais forte que o Rei, a força concentrada em um só quebra-se contra a força de muitos reunida.

DOLORES.

Bem, só me resta rezignar-me!

FR. JOSE'.

Não vos aterreis, Dolores, e confiai em Deos, que com o seu auxilio eu vos salvarei.

DOLORES.

Sim, Fr. José, eu confio muito na Justiça.

FR. JOSE'.

Justiça! palavra vazia e sonora, esta palavra é uma máscara, Dolores, como outras de um uzo frequente. (*Pauza e durante a mesma Fr. José fica pensativo.*)

DOLORES.

Fr. José, meu bom José! que tendes?

FR. JOSÉ.

Nada ; cuido em minha missão sobre a terra , consolar os que soffrem. Eis tudo.

DOLORES.

Estevão voltará depressa ?

FR. JOSÉ.

Não pode tardar muito; porém elle que chega.

SCENA IV.

OS MESMOS, D. ESTEVÃO DE VARGAS (*Vestido de Familiar do Santo Officio*) e PEDRO (*Com uma troxa na mão, estas duas ultimas personagens devem trazer cada um o seu archote pela maneira já indicada*).

DOLORES (*Corre para D. Estevão de Vargas , e abraça-o.*)

Estevão !

D. ESTEVÃO DE VARGAS (*Corre para Dolores e abraça a.*)

Dolores !

PEDRO.

Reverendissimo, aqui está o que Vossa Reverencia ordenou que trouxesse.

FR. JOSÉ.

Esperai um momento ! (*Tira da manga uma chave falsa, dirige-se ao fundo e abre uma das prisões , e apparece nella Manoel Argoso sentado sobre um pequeno banco e encostado no fundo e a cabeça um tanto inclinada para um dos lados , e isto de maneira que possa ser occullarmente visto pelos espectadores*). Eis, Dolores, vosso Pai, e eu tambem heide salvá-lo.

DOLORES (*Chega-se a Manoel Argoso, pega-lhe na mão*).

O' Estevão! Estevão! vede, não responde as minhas carícias!.... Sua mão está fria... seu coração não bate mais.... Estevão!izei-me que meu Pai ainda vive!...

D. ESTEVÃO DE VARGAS (*Observa Manoel Argoso*).

Está vivo.

DOLORES.

Oh! Estevão! elle vive!

MANOEL ARGOSO (*Sonhando*).

O fogo... Minha filha... Estevão....

DOLORES.

Meu Pai!

D. ESTEVÃO DE VARGAS.

Céo! cala-te, deixa-o que vai recobrando os sentidos.

MANOEL ARGOSO (*Encara para Dolores*).

Com quem estou?

DOLORES.

Com quatro amigos, verdadeiros amigos, que protestaram a todo custo salvar-vos, e depois abandonaremos a Hespanha.

MANOEL ARGOZO.

Sim, sim.... abandonai-a mais depressa possível.

D. ESTEVÃO DE VARGAS.

E com vosco, meu Pai.

MANOEL ARGOZO.

Ei vos abenço, e não vos separeis nunca, e fugi... fugi...

DOLORES.

E com vosco?

MANOEL ARGOZO.

Sim!.... conduzi meu cadaver para que não seja entregue as chammas, se poderdes.

FR. JOSE'.

E' preciso separar-nos.

MANOEL ARGOZO.

Sim.... adeos.... amai-vos.... sempre.... (*Fr. José feixa a porta da prisão, e guarda a chave.*)

FR. JOSE'. (*Pega na trouxa que Pedro trouxe.*)

Dolores é preciso salvar-vos já, e deixai-me que eu salvar-ei tambem vosso pai.

DOLORES.

Mas como heide sahir daqui sem ser surprehendida?

FR. JOSE'. (*Dezatlà a trouxa e della tira um habito de Dominicano, e um chapeo de frade.*)

Veste este habito. (*Dolores veste o habito e Fr. José ajuda a compor-se, arranja-lhe a trança, e põe-lhe uma cabel-leira com coroa de frade, e sobre ella o chapeo.*)

Sahi sem mostrardes o menor temor, que ninguem por certo vos conhecerá. Pedro! meu fiel Pedro, conduzi estes dous infelizes a casa de minha Mãe alem do Gualdaquevir. Adeos, até amanhã!

FIM DO V. QUADRO.



QUADRO VI.

A VINGANÇA.

Personagens do quadro.

FR. JOSE'.

PEDRO ARBUES.

PEDRO.

1557.

A Scena representa uma cella de frade, no fundo uma porta com um reposteiro de panno preto com as armas da inquisição, a direita do espectador uma marquiza ricamente ornada, junto ao proscenio um lavatorio, a esquerda uma estante com livros, e encostada a mesma uma cadeira, uma meza forrada de preto, e sobre o panno as armas da inquisição, ao pé della duas cadeiras uma defronte da outra, e mais algumas cadeiras arrumadas, e em uma dellas deve estar a capa, o escapulario, e a corréa. A esquerda do espectador uma especie de sacada que indica ser o genuflexorio, occupando toda a extensão da scena.

SCENA I.

FR. JOSE' SO' (*Sentado, e depois de alguma scena muda em que durante a mesma escreve, conta dinheiro e mette-o em uma carteira de velludo escarlate.*)

Bem! isto pode agora ser transportado a toda a parte e minha pobre Mãe terá com que viver, o resto dos seus amargurados dias. (*Pega em uma folha de papel e mette a carteira dentro, dobra o papel, lacra-o, e põe-lhe o sobre-escripto, e de novo pega em uma folha de papel, e a proporção que*

vai escrevendo repete o que escreve.) «Sereis julgado amanhã; «mas vossa sentença não foi communicada ao Conselho Su-
«premo dos Cardeaes. Fazei valler essa falta de formalidade,
«o Santo Officio será obrigado a soltar-vos.» Vamos! ainda
algumas horas para arrastar essas pezadas cadeas de dissimu-
lação! ainda algumas horas de trabalho, e minha vingança se
completará! Não tenho eu até aqui prebenchido minha des-
honra com coragem? Não tenho eu servido de bom grado as
paixões, e aos vícios desse monstro que dizima a Andaluzia?
Não tenho eu feito o seu nome uma ensanguentada aureola,
estandarte sinistro que chama o odio e a revolta? Não tenho
eu lentamente cavado com minhas debeis mãos o abismo que
o deve engolir? Oh! Inquizição! Não consegui eu tornar-te
assas infame, e assas odiosa na pessoa do mais criminozo
de teus membros, para que a Hespanha inteira, levantando-se
como um só homem, ao signal que vou dar-lhe destrua para
sempre o colosso insaciavel?... Não importa! eu farei cair a
primeira pedra deste edificio de morte: siga-me a Hespa-
nha, se tiver coragem! (*Toca a campanhia.*)

SCENA II.

O MEISMO E PEDRO.

PEDRO (*Entrando.*)

Vossa Reverencia chamou-me?

FR. JOSE'.

Sim meu fiel Pedro, é só de ti que eu confio.

PEDRO.

Mandai-me, Reverendissimo, que vossas ordens serão reli-
giosamente executadas.

FR. JOSE'

Vai Pedro a casa de minha Mãe, além do Gualdaquevir entrega-lhe esta carta, e volta logo que uma nova commissão e de alta importancia tenho de incumbir-te.

PEDRO.

Será Vossa Reverencia obedecido. (*Vai-se.*)

FR. JOSE'.

Vai: e não te demores, meu bom e fiel Pedro. Oh! meu Deos! (*Cruza os braços sobre a meza, e sobre os mesmos e em um completo abatimento descança a cabeça*) Meu Deos! que fadiga!.... (*Ergue a cabeça*) Quando virá o repouso.... Que horrivel dia é este!... Oh! estas chammas, estes gritos de agonia! me perseguem por toda parte.... por toda parte vejo lividas imagens, espectros irregelados.... por toda parte encontro Fernando.... Fernando que eu amava.... (*Levanta-se delirante*) Fernando que a tantos annos me chama, me grita sem cessar. Vem! vem!... Oh! os mortos participam talvez da eterna clemencia de Deos, e não reconhecem mais que o perdão.... sou eu criminoza, eu que me vingou?... Não, não (*Torna-se calmo*) obedeco o signal de Deos..., não sou sinão o instrumento da Justiça Divina!.... Espera, espera Fernando, o dia está proximo, e não me esperarás muito tempo. (*Dá uma grande gargalhada propria de um possessor*).

SCENA III.

FR. JOSE' E PEDRO ARBUES.

PEDRO ARBUES.

Fr. José, todos me trahiram hoje. (*Senta-se.*)

FR. JOSE'.

Excepto eu, Monsenhor.

PEDRO ARBUES.

Tu... sim, eu o sei, tu és o unico fiel, o unico que sabes comprehender as necessidades deste grande coração, que palpita em meu peito, o unico que nunca contrariou minhas inclinações, o unico ao menos que me tem servido sem interesse. Quanto aos outros, julgas que não comprehendo sua dedicação egoistica? A protecção que lhes concedo, o ouro que lhes prodigalizo, os prazeres de que os embriago, não é uma segura garantia de sua dedicação, e fidelidade? Henrique, que fiz Governador de Sevilha, os outros, que fiz Conselheiros, Priores, ou Bispos?.... com tudo... Manoel Argozo foi arrebatado hoje, e Dolores dezapareceu das prizões do Santo Officio?

FR. JOSE'. [*Com muita indifferença*]

Que importa a Vossa Eminencia?

PEDRO ARBUES.

Que importa! dizes tu? Por satanaz! Mandarei as galés todos os espias do Palacio da Inquizição, farei queimar esses Frades imbecis, esses Bispos casquilhos.... E esse lapuz revestido da libré de Gentil-Homem, que fiz Governador de Sevilha.

FR. JOSE'.

Fareis muito bem.

PEDRO ARBUES.

Não estou eu por toda a parte rodeado de trahidores? um homem se encontrou hoje na multidão, ousou tocar no Grande Inquizidor de Sevilha, este homem... este homem era um familiar da Inquizição!

FR. JOSE'.

Já sei.

PEDRO ARBUES.

Senti, meu fiel amigo Fr. José, senão fosse a tua salutar prudencia eu estaria hoje perdido, pois devo a vida a esta cou-raça, que trago debaixo da tunica, desde que me seguistes aos subterraneos da Inquizição afrontando por mim todos os perigos.

FR. JOSÉ.

Tive eu culpa, Senhor?

PEDRO ARBUES.

Não, por Jesus Christo! e eu, injusto, ouzei irritar-me contra ti! contra ti anjo da minha Guarda!

FR. JOSÉ.

A vida de Vossa Eminencia me é mais cara do que a minha mesma, Senhor, eu exforcei-me por conserval-a.... Oh! ella me é mais precioza; mas para que Vossa Eminencia se inquieta com a filha do Governador? Que importa a Pedro Arbues uma mulher de mais ou de menos? Que importa ao milionario a falta de um dobrão em seu cofre? Crede-me, Senhor, essa não é vossa verdadeira gloria. Estas precauções dos sentidos pelo contrario só servem para amolecer a alma, para dissipar os pensamentos fortes, a energia da vontade. Pelo temor é que reinaes. Bem, augmentai ainda o vosso grande poder. Não ha em Sevilha bastantes cabeças para ferir? Esse frade agarrado a oito dias....

PEDRO ARBUES.

Francisco Xavier! Oh! Eu o farei apodrecer nos calabou-ços da Inquizição.

FR. JOSÉ.

Isso não será acertado, Senhor... Esse frade pregou dou-

trinas contra a fé Catholica, é necessario dar um exemplo, e segurar um triumpho da Religião, que faz a vossa gloria e o vosso poder. O Papa, e El-Rei Nosso Senhor, vos ficarão por isso agradecidos; ambos detestão a herezia de Luthero. Fazei comparecer Francisco Xavier, mas de uma maneira solemne, que essa Sessão seja publica deixai livremente entrar todo o mundo, e a face de Sevilha, provareis condemnando aquelle quem Andaluzia chama Apostolo, é um miseravel Apostata; um herege perigozo.

PEDRO ARBUES.

Oh! tu tens razão Fr. José, as mais das vezes me esqueço do verdadeiro fim da minha missão; eu me deixo facilmente arrastar pela indomavel distracção dos sentidos, ou torrentes das minhas paixões devorantes; o homem domina as mais das vezes o Inquizidor, e vinte vezes já as imprudencias a que me conduz este temperamento de fogo me tem quazi perdido. Tu és muito feliz, Fr. José, teus sentidos são moderados como os de uma Virgem, e quazi os domina pela força da tua vontade. Tu és o unico entre nós que não tem tido remorsos pela menor fraqueza cometida.

FR. JOSE'.

Monsenhor, para reinar sobre os outros, é preciso saber reinar sobre nós mesmos. O inimigo mais difficil de vencer é o homem.... Nunca será realmente potente senão quando sabendo reprimir a tempo uma paixão, ou um capricho, vos submeterdes absolutamente as exigencias de uma posição sem vos deixardes por elle dominar.

PEDRO ARBUES.

E's tu que fallas, Fr. José, tu que tantas vezes tens servido minhas inclinações, e caprichos como os nomea?

FR. JOSE'.

Todas as vezes que isso se não oppôzer aos interesses de Vossa Eminencia; mas sómente nesse caso; mas hoje animas vosso louco amor por essa donzella, que alem de não ter uma formozura que espante, seria uma grande trahição para com vosco. O povo está descontente, a acção de hoje bem o prova; não o irriteis em demazia, Monsenhor, perseguindo abertamente os dous fugitivos. Por hora deixai-os em paz; vós os achareis passado algum tempo; falta por ventura cruciatos na Hespanha para os perseguir e prender? Acreditai, Monsenhor, procurai afastar de vós a attenção dessas massas turbulentas, lizongei o Papa, e o Rei nosso Senhor, mostrando-vos zellozo deffensor do Catholicismo contra os perfidos reformados. Em fim, Monsenhor, tornai-vos um Soberano Espiritual todo Poderozo. e não um miseravel escravo de uma mulher.

PEDRO ARBUES.

Fr. José, se eu fosse Rei, te faria o meu primeiro Ministro.

FR. JOSE'.

O Ministro seria o primeiro escravo de Vossa Alteza.

PEDRO ARBUES.

Pois bem!—reprimamos as revoltas desta materia indomavel, que me torna as vezes fraco, e indecizo como uma criança.... Sejam forte para reinar, e para reinar sem rival, saibamos submeter nossas proprias inclinações. Uma mulher! o que é uma mulher?! Que importa que ella se chame Dolores ou Paula [*Fr. José extremece, e volta o rosto para o lado oposto*] que seja filha de um fidalgo de Hespanha ou do mais relles plebeu d'Andaluzia? Ella não é mais, de tudo senão um ridiculo brinquedo indigno de occupar uma pagina da existencia de um homem.

FR. JOSÉ.

Sem duvida, e uma mulher não é cousa de que Vossa Eminencia se occupe senão por alguns momentos: cuidar demasiadamente alem de um brinquedo ou de uma ridicularia em semelhante couza seja rematada loucura. Assim pois, amanhã, Monsenhor, amanhã o mais tardar, Vossa Eminencia fará comparecer no tribunal esse frade perigoso.

PEDRO ARBUES.

Sim amanhã! Não devo eu defender os interesses de Roma? Que maiores inimigos de Roma que esses padres insensatos que reduzem o Appostolado a simples observancia do Evangelho, como se esse Codigo do Catholicismo não fosse mais do que uma serie de ficções, e de allegorias, que cada Papa, cada Concilio, cada Dignitario da Igreja em particular, tem o direito de interpetrar a seu modo segundo as necessidades temporaes ou espirituas do paiz em que vive; do Povo que governa, e de seus proprios interesses. De que servem esses innovadores insensatos que pregam a liberdade ao Povo?! Em vez de lhe serem proveitosos torna-se epidemica cruel que os corrompe e aniquilla. Por ventura Jesus Christo não disse:—«Dai a Cezar o que é de Cezar?»—Os reformados dizem pelo contrario:—«Subtrahi-vos ao poder que o papa recebeo de Deos:»—Não, não, elles não serão bem succedidos quando pretenderem combater-me, a Igreja obrará contra elles com zeloza severidade, porque a arvore má não dá bom fructo, dez frades como Francisco Xavier sublevariam a Hespanha, e destruiriam a Inquizição.

FR. JOSÉ.

Vossa Eminencia está cansado, tem necessidade de repouzo depois de um dia como este.

PEDRO ARBUES.

E tu tambem, meu pobre José; mas tu bem vês, deixa-

me sempre levar pela torrente de minhas paixões ferozes.... Vamos, adeos até amanhã, vou consagrar ainda uma oração para que o Espírito Santo se digne mandar sobre mim uma lingua de fogo que me esclareça em tão arriscado trance. (*Vai querer retirar-se.*)

JOSE' (*Detendo Pedro Arbues.*)

Monsenhor, peço a Vossa Eminencia licença por trez dias, para fazer orações na solitaria cella de um convento.

PEDRO ARBUES.

Seja, meu bom José, já te comprehendo.... tens necessidade de recolhimento.... mais trez dias unicamente, entendes? tu bem sabes que sem ti não posso passar. Heide dizer missa e pregar no Domingo na Cathedral, de volta quero encontrar-te.

FR. JOSE'.

Eu vol-o prometto.

PEDRO ARBUES.

No Domingo pois.

FR. JOSE'.

No Domingo.

PEDRO ARBUES.

Não faltes. (*Vai-se.*)

FR. JOSE.

Descançai, Monsenhor, não tenho motivos para faltar. (*Senta-se, e depois de alguma pausa em que durante a mesma fica pensativo*) Tudo está acabado, este é o meu derradeiro dia da dissimulação.

SCENA IV.

FR. JOSE' E PEDRO.

PEDRO (*Entrando*)

Reverendissimo!

FR. JOSÉ (*Como acordando de letargo.*)

O que me queres, Pedro?!

PEDRO.

A carta, que Vossa Reverencia mandou entregar a Senhora sua Mãe, ficou entregue, e ella dispõe-se a retirar-se da Hespanha com os nossos protegidos, e só espera pela liberdade do Appostolo das Indias, como Vossa Reverencia lhe asiançou.

FR. JOSÉ.

Sim, elle será salvo amanhã.

PEDRO.

Porém agora é que reparo! Vossa Reverencia sente alguma couza.

FR. JOSE'.

Nada tenbo, Pedro.

PEDRO (*Muito triste*)

Ah! Senhor! Vossa Reverencia quer occultar-me alguma couza, é porque talvez já não confia em mim.

FR. JOSE'.

Não queiras, Pedro, entrar nos arcanos do meu coração.

PEDRO.

Reverendissimo, dizei-me o que tendes, que eu vos juro pelas barbas do Rei Nosso Senhor que sereis vingado.

FR. JOSE' (*Levanta-se e pega na mão de Pedro, e vem com elle ao proscenio, e observa a Scena*) Pedro! Pedro! Dizei-me o que pensas quem eu sou?

PEDRO.

Eu nada penso, e só digo, e direi sempre, que sois um bello homem, e com um coração bemfazejo. e nem pareceis que sois Dominicano e Inquizidor.

FR. JOSE'.

Quanto te enganas, Pedro, talvez penses que estás fallando com um homem, entretanto fallas com uma mulher.

PEDRO.

Vossa Reverencia perdeu o juizo?!

FR. JOSE'.

Não Pedro, estou calmo; porém fica sabendo que não sou homem: mas sim mulher, e o meu nome não é José; mas sim Paula....

PEDRO.

Paula!... Paula d'Arc!... A viuva de D. Fernando de Casallas?....

FR. JOSE'.

Sim, Paula d'Arc, filha de D. José d'Arc, e de Joanna d'Arc, e viuva de D. Fernando de Casallas, já que sabes quem eu sou é justo, Pedro, que saibas da minha vida, da vida da mulher sacrilega. Ha dez annos que Pedro Arbues foi nomeado Grande Inquizidor de Sevilha, ha pois dez annos em que Pedro Arbues tentou seduzir-me, e como nada conseguisse de mim denunciou D. Fernando a Inquizição. e D. Fernando foi encerrado nos Subterraneos do Santo Officio: em um

grande acto de fé foi D. Fernando levado a fogueira. Então consebi os projectos de vingar a morte de meu esposo. Perseguida, como me via, abandonei a Hespanha, trez annos que vivi na terra do exilio aprendi o latim, e os mais preliminares para poder ser frade. Tive um Irmão mais velho dous annos o qual se chamava José, vali-me de sua certidão de idade e tomando as vestes de um rapaz apresentei-me a Pedro Arbues pedindo-lhe que me admitisse no convento. Sujeitei-me o anno de noviciado, professei segui todos os bancos da ordem, até que cheguei a fazer parte do Santo Tribunal, Santo.... ah!... maldito tribunal da Inquisição. Grangiei amizade de Pedro Arbues a pontos de que Pedro Arbues nada fazia sem consultar-me, e eu sempre o aconselhava para o mal, e assim lhe fui cavando a ruina, e hoje que está proximo ao despeñadeiro é preciso que delle se precipite, e Paula appareça a D. Fernando com a fronte erguida, e lhe diga—Fernando!,.... Fernando, estás vingado.... Sim hoje porei termo aos meus sofrimentos.

PEDRO.

E o que pertendeis fazer?

FR. JOSÉ.

O que pretendo fazer perguntaes vós? Porventura, Pedro ignoraes que um homem vingativo é perigoso na sociedade? E que mil vezes é uma mulher vingativa? Meus planos estão traçados, a punhalarei ao Grande Inquisidor, e Pedro Arbues morrerá aos golpes do meu punhal; porem Pedro não me descubras e quando—te constar que me acho enserrada nas abobodas dos subterraneos da Inquisição hide ao menos pelo amor de Deos levar-me um pouco da melopia dos Frades, e em quanto não chega este fatal momento hide entregar esta carta ao Appostolo das Indias.

PEDRO.

Vossas ordens serão executadas (*Vai-se.*)

FR. JOSE' (*Senta-se e fica pensativo, durante uma pequena pausa, abre a gaveta tira della um punhal, e o põe sobre a meza*)

Esperar, esperar! a sette annos que espero. Minha pobre Mai! quanto tenho amargurado teus dias!... (*Levanta-se delirante.*) Ah! ver-te, ver-te uma hora ainda apoiar a minha cabeça sobre teu ceio que alimentou minha infancia! (*Percorre a scena como louca*) Ser só, só neste mundo! Com tudo eu a subtrahi ao perigo; ella está livre, minha triste existencia não azedará mais a sua, dei-lhe amigos que lho servirão de filhos!... Como não chorará quando souber que não tornará a ver-me!. Ah! o tempo, tudo arrasta consigo... A dôr, a alegria, a formuzura, a mocidade, as grandezas, e a gloria.... uma só couza não reziste a seus exforços, e que não consome jamais, é o odio que se conduz a sepultura, e que não se extingue ainda mesmo depois de ter devorado a vida. Vamos, tudo está acabado! um outro mundo me reclama, a derradeira hora soa.... (*Põe o escapulario, ala a corréia, põe a capa e lança mão do punhal, fica extatica e convulsa no meio da scena, e depois de uma pequena pausa.*) Partamos!!!

SCENA V.

PEDRO ARBUES só,

Façamos uma oração ao Divino Espirito Santo para que me esclareça e me dê constancia para poder suportar os revezes da fortuna que de certo tempo para cá me tem sido bem fatal, e para cumulo da minha desgraça o Conselho supremo dos Cardeaes mandou pôr em liberdade a Fr. Francisco Xavier, esse frade perigoso. (*Chega-se a grade, ajoelha-se e com toda hypocrizia abre os braços.*)

SCENA VI.

O MESMO, FR. JOSE' (*Fr. José entra em scena na maior agitação de espirito, os cabellos todos arrepiados, e de punhal alçado.*)

FR. JOSE'.

E' elle mesmo ... hypocrita velhaco com Deos!... é isto! é isto mesmo! Elle ora sonhando com novos crimes.. Faze com bastante fervor tua derradeira oração... Talvez se arrependa; deixemos-lhe ainda a hora de arrependimento. (*Pauza*) Oh! eu sou louca! louca em acreditar que Pedro Arbues se possa arrepender....

PEDRO ARBUES (*Levanta-se, benze-se e volta-se para Fr. José, e caminha para elle.*)

Que tens? (*Recua espavorido dous passos, e Fr. José precipita-se sobre Pedro Arbues com a maior rapidez e crava-lhe o punhal sobre a arteria juncular, e Pedro Arbues cahe banhado em sangue.*) Tu... tu... José....

FR. JOSE' (*Com o maior sangue frio cruza os braços.*)

Lembras-te de Paula?!...

PEDRO ARBUES (*Lutando com a morte encara para Fr. José e reconhece nelle as feições de Paulã.*)

Oh! Deos é justo! (*Espira.*)

FIM.

